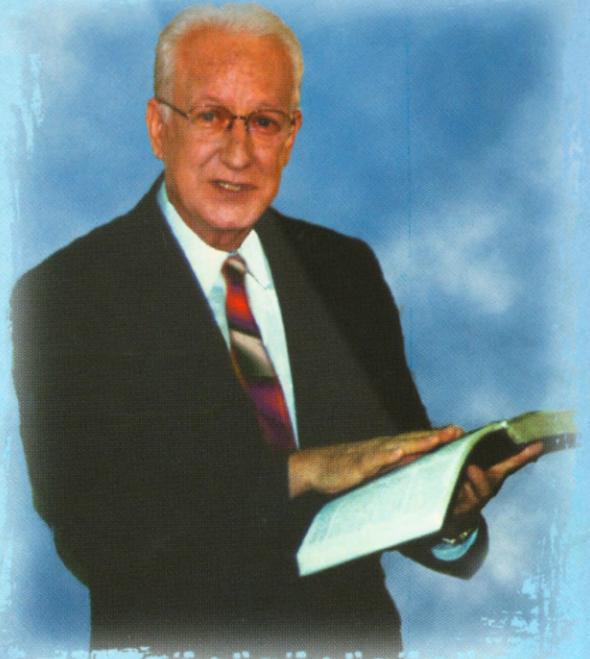




Setembro - Outubro de 2001

Ministério

Uma revista internacional para pastores e obreiros



**“Dar-vos-ei pastores
segundo o Meu coração...”**

Jer. 3:15





Crises pastorais

JAMES CRESS

Secretário ministerial da Associação Geral da IASD

Segundo Archibald Hart, professor do Seminário Teológico Fuller, na Califórnia, existem basicamente cinco crises que afetam o pastor e quatro que atingem a sua esposa. São crises que transcendem barreiras culturais e geográficas. Podemos resumi-las:

Crise de identidade. Um grande perigo no ministério é o da imersão, na qual as funções profissionais tornam-se tão confundidas com a identidade pessoal, que não podemos distinguir onde termina nossa função pastoral e onde nós, como seres humanos, começamos. O que nós somos como indivíduos torna-se definido pelo que fazemos. Mas precisamos ter bem definida a nossa identidade pessoal.

Crise de prioridade. Os pastores devem descobrir o que Deus realmente deseja: louvor e serviço. Então, devem priorizar Seus propósitos. Nós desejamos sucesso, mas Deus está mais interessado em nosso desenvolvimento. Hebreus 11:13 fala de cristãos que “morreram na fé, sem ter obtido as promessas”. Atualmente, muitos pastores morrem na fé, sem conhecer o impacto produzido por sua vida. Na glória, após a ressurreição, uma grande surpresa os aguarda.

Crise de caráter. A integridade do evangelho é julgada pela integridade daqueles que pregam sobre ele. Isso requer uma real experiência de consagração a Deus. Em seu livro intitulado *The Sexual Man*, Hart fala que a sexualidade de homens crentes, incluindo clérigos, está abastecida por comportamento obsessivo-compulsivo. Nossos impulsos, desejos e tendências devem estar submetidos ao Senhor. Só em comunhão com Ele podemos vencer as tentações.

Crise de autoridade. Muitos, dentre a nova geração de membros, não acreditam que o pastor, ou qualquer outro líder, tenha qualquer autoridade. De qualquer modo, os pastores devem manter sua legítima autoridade em um nível espiritual, ao mesmo tempo que abandonam a postura arrogante que os faz tomar decisões ditatoriais ou controlar todos os aspectos da vida da igreja.

Crise de dependência. Muitos clérigos parecem ter-se

exilado em uma Patmos pastoral qualquer. Tornaram-se solistas em lugar de parte de uma orquestra. São cantores solitários num palco espiritual, estagnados diante da audiência. A grande pergunta é: “Para quem estamos cantando?” Vamos focalizar sobre a aprovação de Deus e deixar as extravagâncias que alimentam o nosso ego.

Agora, as quatro crises enfrentadas pelas esposas:

Crise de isolamento. A esposa de pastor, com frequência, ouve a seguinte advertência: “Tenha cuidado com as amizades que vai escolher.” Mas Hart sugere que ela necessita de um amigo particular muito íntimo e tão confiável a quem possa falar sobre qualquer coisa, inclusive sobre você, pastor.

Esse amigo existe – Jesus Cristo. Ele representa o amor de uma tal maneira que ninguém pode igualar.

Crise de estagnação. Muitas esposas param de crescer espiritualmente e, algumas vezes, educacional e emocionalmente. Hart anota: “Não é fácil para sua esposa sentar sábado após sábado para ouvir seus sermões reciclados, ouvi-lo cometer os mesmos erros de sempre, ou contar as mesmas histórias embaraçosas.” A esposa do pastor deve encontrar fontes de nutrição espiritual, principalmente através da sua própria iniciativa em estudar a Palavra.

Crise de lealdade. Não raro, quando as pessoas têm alguma queixa contra o pastor, procuram a esposa esperando que ela entregue o recado. Hart recomenda que a esposa do pastor não deve se tornar o intermediário entre os membros e o esposo pastor. Ela pode simplesmente responder ao queixoso: “Por favor, fale diretamente com meu esposo. Ele cuidará deste assunto.”

Crise de co-dependência. Muitas esposas de pastores tentam resgatar o esposo de suas lutas auto-infligidas. Elas se vêem no papel de eternas pacificadoras, responsáveis por resolver confusões. A recomendação de Hart é no sentido de que a esposa deixe o pastor assumir a responsabilidade por todos os seus atos.

Qualquer que seja a crise enfrentada pelo pastor ou sua esposa, é indispensável ter em mente que nenhum dos dois está sozinho. Cristo prometeu: “Eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século” (Mat. 28:20). Na bendita companhia de Jesus, a vitória é possível. Não desanime, pastor. ✓

**Pastor e esposa
podem vencer
as crises, na
companhia
de Jesus.**

Ministério

Uma Publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Ano 72 – Número 05 – Set./Out. 2001
Periódico Bimestral

Editor: Zinaldo A. Santos

Revisoras: Ildete Silva e Mercedes Campos

Chefe de Arte: Marcelo de Souza

Programador Visual: Jobson Santos

Colaboradores Especiais:

James Cress; Alejandro Bullón; Jonas Arrais;
Wilmore Eva; Julia Norcott

Colaboradores:

Arlindo Guedes; Jair Garcia Góis;
José S. Ferreira; Mário Valente;
Montano Barros Neto

Capa: Heber Pintos **Fotos:** William; Erlo

Diretor Geral: José Carlos de Lima

Diretor Financeiro: Edinor Max Gruber

Redator-Chefe: Rubens S. Lessa

Visite o nosso site:

<http://www.cpb.com.br>

Serviço de Atendimento ao Cliente:

sac@cpb.com.br

Ministério na Internet:

www.dsa.org.br/ministerio

www.dsa.org.br/elministerio

Tiragem: 4.300 exemplares

5960/8769

Todo artigo, ou correspondência, para a revista **Ministério** deve ser enviado para o seguinte endereço:

Caixa Postal 2600; CEP 70279-970,
Brasília, DF



CASA PUBLICADORA BRASILEIRA
CERTIFICADA PELA ISO 9002

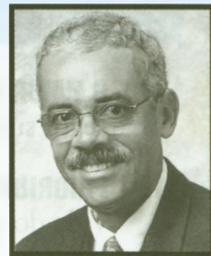
Editora dos Adventistas do Sétimo Dia

Rodovia SP 127 – km 106 – Caixa Postal 34,
18270-970 Tatuí, SP



Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, incluídos textos, imagens e desenhos, por qualquer meio, quer por sistemas gráficos, reprográficos, fotográficos, etc., assim como a memorização e/ou recuperação parcial, ou inclusão deste trabalho em qualquer sistema ou arquivo de processamento de dados, sem *prévia autorização escrita* do autor e da editora, sujeitando o infrator às penas da lei disciplinadora da espécie.

E D I T O R I A L



Atração irresistível

Conta-se que certo dia, na cidade de Londres, um jovem, tendo-se deparado numa encruzilhada vocacional, dirigiu-se ao grande pregador Charles Spurgeon em busca de orientação e aconselhamento. E perguntou-lhe: “O senhor acha que eu devo me tornar um pastor?” Ao que Spurgeon respondeu: “somente se não puder evitá-lo.”

Surpreendente e curiosa como possa ter parecido, a resposta foi sábia. As jóias mais caras do ministério pastoral são aqueles indivíduos que um dia sentiram que não mais podiam fazer outra coisa, atraídos que foram pelo chamado de Deus. Nenhuma outra alternativa para a vida lhes pareceu tão preciosa. E por isso hoje podem alegremente dizer com profundo senso de realização pessoal, fazendo coro com o profeta Jeremias: “Mas eu não me recusei a ser pastor, seguindo-Te” (Jer. 17:16).

Num outro episódio de sua vida, Jeremias rendeu-se novamente à realidade irresistível do chamado divino. Eis seu testemunho: “Quando pensei: Não me lembrarei dEle e já não falarei no Seu nome, então Sua palavra me foi no coração, como fogo ardente encerrado nos meus ossos; fiquei cansado de suportar e não consegui deter-me” (Jer. 20:9, *versão inglesa*). O sentimento de frustração e fracasso diante de mais um revés levou o profeta a acreditar que a única alternativa era recuar de sua missão. Mas a conscientização do chamado celestial novamente aqueceu-lhe o ser, penetrando o interior “como fogo ardente”, impulsionando-o a avançar.

A atividade pastoral é santa e elevada. Para desempenhá-la, um homem precisa estar plenamente consciente do chamado divino. Este não é um privilégio que podemos usurpar. Ninguém escolhe ser um ministro. É Deus quem faz tal escolha. E quando alguém aceita essa indicação, já não pertence a si mesmo. Passa a viver sob ordens superiores. Qualquer pessoa pode escolher seguir uma profissão, abraçá-la ou abandoná-la, mantendo-se livre de qualquer prejuízo espiritual. No entanto, embora Deus não obrigue ninguém a ser um pastor, tampouco condicione a salvação de uma pessoa ao exercício dessa atividade, não será feliz o indivíduo que, tendo consciência do chamado divino, lança mão do arado e olha para trás.

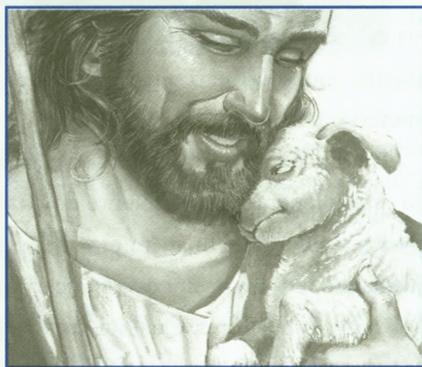
Que bênção é poder servir a Deus como um pastor do Seu rebanho! Que Ele nos mantenha humildes, fiéis e agradecidos, diante de tão grande manifestação de misericórdia para conosco.

Zinaldo A. Santos

- 11 • O MAIOR CAMPO MISSIONÁRIO** • O que o pastor deve fazer para proteger sua família dos perigos que a cercam.
- 13 • PRIORIDADE MÁXIMA** • A maior e mais importante atividade na vida do pastor é buscar encher-se de Cristo.
- 17 • SEGUNDO O CORAÇÃO DE DEUS** • Uma radiografia completa do trabalho pastoral.
- 21 • SEJA UM BOM OUVINTE** • Ouvir é uma habilidade especial do ministro. Saiba como exercê-la.
- 23 • SÚPLICA DE UM JOVEM PASTOR** • Um modelo de prece que todo pastor deve fazer em seu coração.
- 24 • TEOLOGIA DA RENÚNCIA** • A negação do eu é a pedra de esquina no edifício do caráter cristão.
- 26 • EIS-ME AQUI, ENVIA-ME** • Ter uma visão correta de Deus, da humanidade e da missão é o caminho do êxito pastoral.
- 28 • PASTORES DO REBANHO** • O perfil do verdadeiro pastor.
- 29 • O QUE PENSO DO PASTORADO** • A visão de uma esposa de pastor a respeito da atividade ministerial.
- 31 • CORAGEM, PASTOR!** • Em meio às crises, o pastor não deve desanimar. Alguém ao seu lado garante a vitória.

SEÇÕES

- 2** SALA PASTORAL
- 3** EDITORIAL
- 4** CARTAS
- 5** ENTREVISTA
- 8** AFAM
- 9** PONTO DE VISTA
- 16** IDÉIAS
- 32** NOTÍCIAS
- 34** RECURSOS
- 35** DE CORAÇÃO A CORAÇÃO



“Pastores eloqüentes, organizadores minuciosos, e ocupados executivos, todos eles têm seu lugar na igreja de Deus, mas o rebanho cresce na graça e na piedade sob o delicado toque do pastor.”

Roy A. Anderson

Falem conosco

Quero dizer que concordo com a sugestão do Pastor Oder Mello, na edição do bimestre março-abril deste ano, quando ele diz que deveriam publicar informações sobre pastores que foram ordenados e missionários brasileiros que servem em campos estrangeiros.

Meu esposo (Pastor Luiz Melo) e eu trabalhamos na Universidad Peruana Unión, Lima, Peru. Para quem desejar comunicar-se conosco, aí vão nossos endereços eletrônicos: Anmelo@upeu.edu.pe e lmelo@upeu.edu.pe

Agradeço-lhes pelo envio da revista Ministério. É uma inspiração para nós.

Antonieta Melo, Lima, Peru

Pequenas vítimas

A matéria sobre abuso sexual infantil (Ministério julho-agosto) é contundente. Poderia citar minha própria experiência como pastor, ao administrar um caso semelhante, onze anos atrás, quando uma mãe veio se queixar de que seu segundo marido abusara de uma filha do seu primeiro matrimônio. Tentamos fazer o melhor, conseguindo ajuda especializada para a vítima e o agressor. Este, apesar de tudo, acabou acusando a igreja de não haver tratado a situação de uma maneira cristã.

Confesso que nosso erro naquela ocasião foi tentar esconder o assunto da liderança local. Quando tudo foi revelado, isso foi motivo de muita crítica. Finalmente prevaleceu a compreensão dos irmãos e a situação foi resolvida, graças a Deus.

D.M.

A DEUS seja a glória

Para esta edição especial, *Ministério* entrevistou várias pessoas, dando-lhes oportunidade para expressar seus sentimentos em relação ao trabalho e à figura do pastor. O que elas dizem é garantia de que os esforços envidados em favor do rebanho não são inúteis.

Convém, entretanto, que direcionemos todo louvor e glória para o nosso Deus, merecedor de toda honra, e a quem devemos o privilégio de cooperar no grande projeto de restauração do ser humano. Parafraçando Paulo, somente por Sua graça somos o que somos.

Nossa reflexão sobre os testemunhos seguintes deve ser acompanhada de fervorosa prece, a fim de que o Senhor nos encha de humildade e poder para cumprirmos a missão que Ele nos confiou.


Gentileza do autor

“**N**a igreja, o pastor representa a figura paterna com todo o simbolismo da estrutura familiar. Assim como o pai, no lar, é o cabeça da família, chamado a amá-la, orientá-la, educá-la e protegê-la, o pastor está diante da sua grei usando os mesmos recursos para o desenvolvimento da família eclesiástica.

“Esse paralelismo nos leva a considerar a elevada missão do pastor. O Senhor outorga Sua bênção constante para que o trabalho do pastor frutifique, multiplique, e seja espalhada a semente do evangelho no lugar onde Deus o enviou para oferecer seus talentos.

“Pastor, onde quer que você trabalhe, esteja consciente da bênção celestial. Jamais perca a visão da sua missão. Que sua família espiritual receba as ferramentas necessárias para crescer sob sua liderança. Lembre-se de que, como parte dessa família espiritual, estou orando por você. Que a sua vara e o seu cajado provejam alento a todos os que lhe cercam.” – *Nélida Ruiz Almonacid, Cuna, Chile*

“**V**ivemos em uma época secularizada que não diferencia entre o sagrado e o profano. É um tempo no qual muitos que se dizem pastores estão utilizando a religião como um meio de enriquecimento pessoal, maculando o ministério. Nesse contexto, muitos fiéis servos de Deus se levantam como Seus estandartes e porta-vozes.

“Desde Sua ascensão, Cristo, a grande Cabeça da Igreja, tem levado avante Sua obra no mundo mediante embaixadores escolhidos, por meio dos quais fala aos filhos dos homens e atende-lhes às


Gentileza do autor

necessidades. A posição dos que foram chamados por Deus para trabalhar por palavra e doutrina em favor do levantamento de Sua igreja, é de extrema responsabilidade. Cumpre-lhes rogar, a homens e mulheres, da parte de Cristo, que se reconciliem com

Deus; e eles só podem cumprir sua missão ao receberem sabedoria e poder de cima.” – *Obreiros Evangélicos*, pág. 13.

“Com essa citação, homenageio nossos pastores. Ela nos mostra quão sagrado e importante é o seu trabalho como embaixador de Cristo diante dos homens.” – *Mari Cordido, Santa Fé, Argentina*

“Quando pensamos no pastor, lembramos a missão especial de transmitir a imagem de Cristo a cada ser humano. O rebanho dependente espera encontrar confortadoras palavras de boas novas, vindas de alguém que se preocupa com ele. No entanto, a modernidade e o avanço tecnológico nos fazem esquecer da missão sublime do pastor, que nos conhece individualmente, se comove com nossas fraquezas, sabe o nosso nome e onde vivemos.

“Cada alma é tão perfeitamente conhecida a Jesus, como se fora ela a única por quem o Salvador houvesse morrido. As dores de cada uma Lhe tocam



Gentileza do autor

o coração. O grito de socorro chega-Lhe ao ouvido. Veio para atrair a Si todos os homens ... Cuida de cada uma como se não houvesse nenhuma na face da Terra.” – *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 480.

“Esse é o verdadeiro modelo do pastor. Nesta oportunidade, quero expressar minha admiração e prestar uma homenagem a meu pai, que, como pastor, continua sendo um exemplo e um incentivo à minha vida cristã, através de sua dedicação e seu amor pelas almas.

“Que Deus abençoe a todos os pastores.” – *Cristina Morán, peruana, filha de pastor*

“Eu me lembro bem dele. Éramos amigos. Ele era um pouco mais velho do que eu. Estávamos ainda na adolescência. Foi uma das amizades mais bonitas que já tive, pois



Arquivo CASA

contávamos realmente um com o outro. E o que mais me deixava à vontade era que nossas cartas, nossos telefonemas e bate-papos giravam em torno de assuntos normais a adolescentes, mas sempre envolvendo Deus. Sempre procurávamos melhorar nossa vida espiritual.

“Com esse amigo, aprendi que Deus está conosco, em todas as atividades. Por isso, quando ele me disse que iria cursar teologia não achei estranho. Ele já era um pastor em essência. O tempo passou, perdemos contato. Sei que ele trabalha num distrito no Sul do Brasil. Onde você estiver ministrando, meu amigo pastor, Deus o acompanhe e o abençoe.

“Já ouvi, vi e senti o que um pastor bem preparado pode fazer por sua igreja. São conselhos, preocupações, cuidados, tanto zelo e dedicação. Por tudo isso, os pastores são nossos amigos. Que Deus os abençoe e acompanhe.” – *Sueli Oliveira, jornalista, Tatuí, SP*

“Para nós, ministros, o Espírito Santo é absolutamente essencial. Cremos que somos arautos de Jesus Cristo, designados para continuar o Seu testemunho na Terra. Mas, se o Espírito de Deus não repousa sobre nós, é evidente que não somos enviados ao mundo como Cristo foi.”

Charles Spurgeon



Arquivo CASA

“Quero fazer uso das palavras do renomado ministro do evangelho, Paulo: “Sou muito grato a Cristo Jesus, nosso Senhor, por me ter escolhido para ser um de Seus mensageiros, e por me ter dado as forças para ser fiel a Ele.” (I Tim. 1:12, BV). Nessa expressão de reconhecimento, há dois motivos fortes que também tem exercido uma profunda impressão em meu ministério. Foi Cristo quem me escolheu para ser Seu representante. Ele, por Sua graça, me chamou.

“Tem sido Ele que, no passar de três décadas, tem me amparado e assistido em servir Sua Igreja. Ao olhar para trás e ver o que foi realizado para exaltação de Jesus, meu coração vibra de gratidão pelo progresso da Sua causa. Não consigo me ver em outra função que não seja ministro do evangelho.

“Só sinto que minhas forças físicas não estão mais tão despertas e animadas como as de minha mente e vontade, para ser um instrumento na finalização da Obra. Logo, muito logo, ‘... o Senhor cumprirá a Sua palavra sobre a Terra...’ (Rom. 9:28). Que o Espírito Santo me mantenha firme, juntamente com os meus colegas. Que sejamos pastores dedicados e leais a Jesus.” – *Pastor Natanael Batista, capelão da Casa Publicadora Brasileira*



Arquivo CASA

“Aproveito esta oportunidade para felicitar aos mais de 2.500 pastores de nossa Divisão, pelo seu dia e pelo cuidado dispensado ao rebanho do Senhor. O pastor, em sua missão de servir a Deus e à Sua Igreja, tem responsabilidades múltiplas e atividades ministeriais. É bom ser sempre lembrado, re-

conhecido e valorizado pela sua função de pregar, visitar, aconselhar, administrar, apoiar, consolar e orientar.

“Gostaria de estender meu reconhecimento às famílias pastorais, que, com amor, têm apoiado o ministério do esposo e pai.

“Parabéns, pastores! Que o Supremo Pastor conceda a vocês e aos respectivos familiares muitas bênçãos.” – *Ruy Nagel, presidente da Divisão Sul-Americana da IASD*



Imagem do autor

“Em 1996, iniciei meus estudos em pedagogia na Universidade Adventista do Chile. Foi ali que compreendi a importância de um pastor adventista em sua responsabilidade de pregar o evangelho a toda nação, tribo e língua. Senti em meu coração o desejo de fazer o melhor para Deus. Conheci pastores que contavam das maravilhas que o Senhor fizera por eles no campo da colportagem; como

havam conseguido levar pessoas a Cristo e custear seus estudos.

“Encontrei aquele que se tornaria meu esposo. Ele me incentivou a colportar, através do seu testemunho. Seu espírito missionário, junto ao fato de ser ele um colportor e um futuro pastor, me ajudou na decisão de casar com ele. Minha vida sempre foi influenciada por estes servos de Deus que são os pastores adventistas. Amo a colportagem e quero dedicar toda minha vida a esse ministério, enquanto meu marido se dedica ao trabalho pastoral.” – *Jôse Flávia Kaufmann, esposa de pastor em Santiago, Chile*

“O único motivo pelo qual permaneço no ministério é o chamado de Deus que controla a minha alma e não me deixa ir. Somos prisioneiros de Cristo, o Senhor da vida e de Sua igreja. Marchamos em Seu desfile e sabemos para onde Ele vai.”

David Fisher

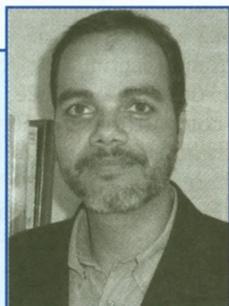


Imagem do autor

“Entendo, sem nenhuma dúvida que o mundo atual está marcado

por muitos problemas e incompreensões. Valores sofrem forte inversão na essência, estimulando de forma selvagem a escolha de conceitos mundanos em detrimento dos bons conceitos de uma vida saudável e cristã. É nesse contexto que a figura do pastor sobressai de forma indelével,

na medida em que dele se espera (e seguramente se encontra) uma palavra, um conselho, uma orientação esperançosa de que algo bom existe no amanhã daqueles que confiam nas promessas de Jesus.

“O pastor é um grande ser humano que, por desígnio de Deus e decisão pessoal, dedica seu tempo, talento e inteligência para a nobre causa de confortar, ensinar e conduzir pessoas ao verdadeiro porto seguro: Cristo Jesus.

“Parabéns, pastor, pelo seu dia!” – *Dr. Ricardo José Alves, advogado, igreja do Guará, Brasília, DF*

“É preciso muita dedicação para exercer o cargo de pastor. Por isso, ele pode ser mal compreendido pelos filhos adolescentes. Já passei por essa fase, e hoje admi-



Imagem do autor

ro muito a maneira como o meu pai vê a Obra de Deus. Há no brilho de seus olhos uma vontade de servir à Igreja com todos os dons que Deus lhe concedeu, sem esperar glórias terrenas.

“Parabéns a todos os pastores adventistas. Sua vida se resume no verbo servir, para que o sonho de ver Jesus voltando se torne cada dia mais real.” – *Maressa Steiner Marroni, filha de pastor, estudante do Instituto Adventista Paranaense*

**“A verdadeira
mulher
tem um sorriso
para cada
alegria,
uma lágrima
para cada tristeza
e um coração
para
outro
coração.”**



EVELYN NAGEL

*Coordenadora da Afam, para a
Divisão Sul-Americana*

Um belo dia, alguns anos atrás, um jovem interessante, bonito, promissor, cheio de entusiasmo, apareceu. E com belas palavras perguntou a uma jovem: “Você quer se casar comigo? Compartilhar as alegrias, os problemas e emoções da vida de um pastor?”

Não sei que pensamentos passaram pela mente dela naquele momento. Podem ter sido pensamentos de imensa alegria, por ver a realização do sonho acalentado de viver junto à pessoa amada; pode ter sido um pensamento mais amplo, de poder trabalhar para Deus. Ou o pensamento de cuidar para que aquele moço, com o ideal de se dedicar ao trabalho da pregação do evangelho de Jesus, pudesse ter a segurança de um

O dia em que ela disse SIM

lar bem formado. Alegria de poder apoiá-lo em seus momentos de tristeza e insegurança. E expectativa quanto a ser uma esposa de pastor: “O que poderão esperar de mim?”

Foi assim que ingressamos no sagrado ministério pastoral.

Missão da esposa

Poucos meses atrás, visitando algumas esposas de teologandos, deparei-me com um quadro que me tocou o coração. É louvável o desprendimento daquelas jovens esposas; a vontade de se empenhar ao máximo para que seus esposos possam estudar e preparar-se para o ministério.

O que significa, na realidade, ser

esposa de pastor? Você imaginou, por ocasião do pedido de casamento, tudo o que viria junto com esse pedido? Pensou bem e analisou profundamente o que significaria ser esposa de pastor? Pensou que, provavelmente, a aceitação desse pedido implicaria deixar, como disse Jesus, pai e mãe, sem olhar para trás, e lançar mão do arado? Pensou nas constantes mudanças de endereço, mudança de distrito, de amigos? Pensou em quantas vezes teria de ficar sozinha, enquanto o esposo estaria viajando, criando sozinha os filhos, porque ele nem sempre teria tempo suficiente para dedicar-se à família?

São muitas as responsabilidades da esposa do pastor. Tenho certeza de que você ponderou todas elas e, de todo o coração, tomou a decisão dizendo: “Sim, querido, quero compartilhar com você tudo o que possa significar o ser esposa de alguém que deseja dedicar-se ao Senhor!”

Por isso, nesta ocasião especial, dedicada a homenagear o pastor, nosso pensamento se volta para aquela que compartilha com ele diariamente as alegrias e preocupações desse ministério.

Homenageada especial

Nossa homenagem especial a você, esposa de pastor, que é a única que conhece as muitas vezes nas quais o esposo teve de “consultar no travesseiro do coração”; a única a presenciar as vezes em que ele derramou lágrimas de preocupação diante do Senhor. Você é a única pessoa a compartilhar momentos de louvor e dedicação completa ao trabalho de Deus; a única que também participa com ele da alegria profunda de ver uma alma preparada para o reino do Céu, como fruto direto do trabalho do casal.

Querida amiga, a você, que assim como eu, tem o privilégio de ser esposa de pastor, desejo que Deus abençoe ricamente e que você possa continuar a ser aquele braço forte e companheira ideal do ministro do Senhor.

Parabéns a você, amiga, que como Maria, “escolheu a boa parte, e esta não lhe será tirada” (Luc. 10:42). ✓

O que o PASTORADO me ensinou



C. LLOYD WYMAN

D.Min., secretário ministerial da União do Pacífico, Califórnia, Estados Unidos

Cinquenta anos atrás, subi a plataforma do Walla Walla College e recebi o meu diploma. Dias depois, minha esposa Donna e eu começamos nossas atividades pastorais na região Noroeste dos Estados Unidos. Ingressei no ministério com altas esperanças e o claro sentido de estar atendendo a um chamado celestial.

Posso dizer, inequivocamente, que não fui desapontado. O ministério ofereceu-me abundância de desafios, infindáveis oportunidades de serviço, e, principalmente, o privilégio de encaminhar centenas de homens, mulheres e crianças a Jesus Cristo e Sua Igreja. Também ensinou-me coisas que duas gerações de pregadores em minha família, antes de mim, e uma infinidade de trabalhos escolares nunca poderiam ensinar.

Eu aprendi...

Aprendi que, em sua maioria, as pessoas não mudaram. Elas ainda necessitam ser amadas, precisam de ora-



ções, precisam ser nutridas e ouvidas. É um grande privilégio para o pastor ministrar a essas pessoas em tempos de crise, sustentando-as em suas dores e celebrando com elas suas alegrias. Ninguém deveria ser demasiadamente velho, doente ou jovem para ficar à margem do benefício do coração compassivo de um pastor.

Como Henri Nouwen muito adequadamente afirmou, "o ministro não é chamado para simplesmente consolar as pessoas, mas para lembrar-lhes que, em meio às dores e tribulações, o primeiro sinal da nova vida pode ser encontrado, ou seja, uma alegria que está encoberta no meio da tristeza". – *The Living Reminder*, pág. 45.

Aprendi que a família do ministro merece seu mais intenso amor e elevado grau de preocupação. Se um jovem ministro é casado, servir como pastor não diminui o seu dever de ser sensível, cuidadoso e ajudador para com a sua esposa. Aprendi que a intimidade no casamento é conquistada compartilhando e nutrindo interesses comuns, dividindo alegrias e tristezas. Aprendi que uma caminhada a dois também ajuda a conservar a intimidade com minha esposa.

Se o casamento é abençoado com filhos, esses devem se tornar a suprema prioridade na agenda diária. Eles compõem o primeiro campo missionário do pastor. Jamais lamentei as horas gastas jogando basquete com meu filho, ou o tempo gasto em jogos de mesa com minha filha.

Aprendi que as pessoas nos bancos da igreja estão interessadas na pregação. Quase sem exceção, sempre que os irmãos perguntam sobre as qualidades de um pastor, sua capacidade de pregar encabeça a lista. O pregador da Palavra de Deus pode mover e mudar corações com a ajuda do Espírito Santo. I. H. Evans disse que "a pregação não é uma mera profissão, uma confortável vocação material da qual um homem pode ganhar facilmente seu sustento; é um chamado, um trabalho e serviço, cujas ferramentas são sacrifício, estudo e a mais alta qualificação, acima da exigida para qualquer outro trabalho". – *The Preacher and His Preaching*, pág. 21.

Aprendi que o ministro deve valorizar-se a si mesmo e a seu corpo como o templo do Espírito Santo. Deve seguir os princípios de saúde, fazer exercícios físicos, repousar e ter alimentação equilibrada. Muitos pastores falham nessa responsabilidade e se tornam um exemplo muito pobre para os santos. Um pastor obeso me disse certa vez: "O Senhor está voltando em breve e, então, Ele me transformará".

Eu aprendi...

Aprendi que nenhum ministro pode descuidar de sua vida devocional diária e sua comunhão íntima com o Céu, sem pagar um elevado preço. Essa busca diária de maná não acontece naturalmente, mas deve se tornar uma prioridade intencional, se um pastor realmente deseja ter o poder de Deus em

seu trabalho. À porta de uma igreja onde eu tinha falado, uma pessoa que investiu anos no ministério e sofreu uma queda moral disse-me entre lágrimas: "Lloyd, seja fiel! Os anos mais felizes da minha vida foram vividos no ministério. Eu daria tudo o que posso se pudesse retornar."

Aprendi que um ministro deve viver acima de reprovação, por causa de quem ele representa. Ele necessita estabelecer em seu coração tornar-se uma pessoa de elevada integridade e impecável honestidade no lar, na igreja, na comunidade e no campo de esportes. Honestidade na declaração do imposto de renda, honestidade ao enviar seus relatórios de despesas para a Associação e assim por diante.

Aprendi que é possível ao ministro estar contente, qualquer que seja a sua função, o lugar ou o país no qual ele serve à Causa de Deus. Mudanças acontecem mesmo. Abençoado é o pastor que pode colocar seu coração e alma no trabalho que realiza atualmente como se fosse permanecer nele para sempre.

Eu aprendi...

Aprendi que um bom pastor pode aprender como se tornar um líder servo em sua congregação, servindo com humildade e amor, e liderando com o exemplo e com sua visão. Jamais hesitará em considerar outros pontos de vista contrários ao seu. Não dirige o povo com mão de ferro nem toma decisões arbitrárias, sem o benefício dos sábios conselhos de outros líderes locais. Ele sabe muito bem que a igreja estava ali antes da sua chegada e permanecerá depois que ele sair. Trabalhar com esse espírito gera ilimitados benefícios para o pastor e a congregação.

Aprendi que alguns dos trabalhos mais compensadores do pastor é, com o auxílio do Espírito Santo, estabelecer a Palavra de Deus como a autoridade final no coração dos membros da igreja e ensinar-lhes a ter confiança na Providência. É essencial que eles compreendam a origem celestial desses instrumentos.

Aprendi que não existe um tempo em que a cortesia, o tato e uma atitude de bondade cativante estejam fora de lugar. Conhecemos muito bem a seguinte declaração: "Se fôssemos humildes diante de Deus, bondosos e cortesões, ternos de coração e piedosos, haveria cem conversões à verdade, onde agora existe uma." – *Testimonies*, vol. 9, pág. 189.

Cada uma dessas graças cristãs deveria se tornar parte da vida de todo pastor de sucesso.



Aprendi que a crítica destrutiva age como um câncer na alma de quem a alimenta. Não há lugar na vida e no trabalho de um ministro para o sarcasmo trivial, condenação ou palavras depreciativas. Essa atitude não leva ninguém ao reino celestial.

Aprendi que sou parte da família humana, com suas carências e fragilidades. Tenho cometido erros e tenho falhado em quase todos os itens anteriormente mencionados. Entretanto, aprendi, acima de tudo, que existe plenitude de graça disponível e abundante perdão estendido, não apenas aos ho-

mens e mulheres sentados nos bancos das igrejas, mas também ao ministro.

São essas as preciosas lições que eu aprendi depois de 50 anos no ministério. São coisas que, como afirmei antes, duas gerações de pregadores e todos os livros escolares não são capazes de ensinar. Elas têm um valor incalculável. ✓

Prece do pastor

*Senhor, eu sou um pastor...
Um dia, depois de anos de estudo,
me entregaram um diploma,
dizendo que eu estava oficialmente
autorizado a evangelizar.
E eu jurei fazê-lo conscientemente!
Não é fácil, Senhor, não é nada
fácil viver esse juramento
na rotina sempre repetida da vida
de um pastor:
Pregar, visitar, dar estudos
bíblicos, batizar, casar, fazer
cerimônias fúnebres...
Contudo, Senhor,
eu quero ser um pastor...
Alguém junto de alguém,
não mecânico de uma engrenagem;
mas, gente salvando gente!
Que todo aquele que me procura
em busca de cura espiritual,
encontre em mim mais do que o profissional...
Que eu saiba parar para ouvi-lo...
Sentar junto ao seu leito, para animá-lo...
Tomar sua dor como minha, para ajudá-lo...
E, muito importante, Senhor:
que eu não perca a capacidade de chorar!
Que eu saiba ser pastor.
Alguém junto de alguém.
Gente salvando gente,
como Tu, Senhor!*

Adaptado por Horne P. Silva

O maior campo MISSIONÁRIO



RAQUEL ARRAIS

Coordenadora associada da Afam, para a Divisão Sul-Americana

Em todo o mundo, hoje, muitas famílias estão enfraquecendo. Infelizmente, isso acontece com um número alarmante de famílias de pastores. Embora as pressões no ministério contemporâneo sejam grandes, um fator determinante que pode diminuir em muito esse problema é um relacionamento familiar saudável e bem estruturado.

Somente com um lar bem estabelecido, um pastor está preparado para enfrentar uma ameaça para a sua família. É isso que apresenta uma recente pesquisa pastoral publicada num importante jornal americano. Segundo o estudo, os fatores que geram problemas conjugais nas famílias dos pastores são os seguintes:¹

- 81%** Tempo insuficiente juntos
- 71%** Uso inadequado do dinheiro
- 70%** Nível insatisfatório de renda
- 64%** Dificuldades de comunicação
- 63%** Expectativas da congregação
- 57%** Diferenças quanto ao lazer da família

“Coisa alguma pode desculpar o pastor de negligenciar o círculo interior pelo mais amplo círculo exterior. O bem-estar espiritual de sua família vem em primeiro lugar.”

- 53%** Dificuldades quando à educação dos filhos
- 46%** Problemas sexuais
- 35%** Diferenças quanto à carreira ministerial
- 25%** Diferenças quanto ao trabalho da esposa

A força das pressões

Hoje, ninguém questiona o fato de que muitos pastores e respectivas famílias sofrem pressões cada vez maiores em virtude do ambiente em que estão trabalhando. Considere estas pressões que envolvem o ministério pastoral:

- O pastor envolve-se com o humanamente impossível. Ele trabalha com o pecado na vida das pessoas.
- O pastor desempenha uma função que nunca se completa. Ele resolve problemas que se multiplicam sempre.
- O pastor trabalha sob uma credibilidade cada vez mais questionada pela sociedade.
- O pastor necessita estar disponível 168 horas por semana.
- Espera-se que o pastor tenha um desempenho excelente em muitas habilidades, tais como liderança, comunicação, administração, aconselhamento, finanças e diplomacia.
- Espera-se que o pastor produza

mensagens fascinantes, que transformem vidas.

- As pessoas com quem o pastor trabalha, em geral, são voluntárias e não remuneradas.
- O pastor e sua família parecem viver em um aquário que todos podem observar.
- O pastor aparentemente é mal remunerado, não muito valorizado, recebe pouco treinamento e está sempre sobrecarregado.

• Como figura pública, o pastor pode receber as mais duras críticas tanto da comunidade como da congregação.²

Prioridade ao “círculo interior”

Como sobreviver em meio a todas essas pressões? É necessário que seja assim? Ou, mais importante, Deus quer que seja assim? Creio que não. A meu ver, essas razões nos levam a salientar que o cuidado da nossa família é de vital importância e define o modo como influenciaremos as outras famílias da igreja. Infelizmente, outros indivíduos têm percebido com mais clareza a importância da família do que muitos pastores. É importante salientar que um lar forte começa no pastor. Um lar bem estruturado significa um ministério qualificado. Um lar desestruturado significa um ministério precário.

Ellen White comenta: “Os deveres



Clipart



do pastor fazem em torno dele, próximos e distantes; mas seu primeiro dever é para seus filhos... O mundo não precisa tanto de grandes espíritos, como de homens bons, que sejam uma bênção na própria família.³ Teologicamente, a família do pastor é seu primeiro campo de ministério.⁴

Na busca de soluções para as dificuldades encontradas hoje pela família pastoral, creio que o primeiro passo é colocar em prática o conselho de Ellen White: "Coisa alguma pode desculpar o pastor de negligenciar o círculo interior, pelo mais amplo círculo externo. O bem-estar espiritual de sua família vem em primeiro lugar."⁵

O segundo passo é lidar de maneira sábia com os desestabilizadores que costumam atingir a nossa família. Encará-los de frente. Portanto, para ter sucesso no casamento e na família, o pastor precisa abraçar com determinação esse duplo desafio. Desenvolver seriamente a perspectiva de Deus em relação ao seu lar e manejar de maneira realística os problemas mais comuns que atingem os lares na nossa cultura hoje.

Preço e recompensa

Antes de começar, porém, cada um terá de responder à seguinte pergunta: Você quer realmente ter uma família feliz? Compreenda que Deus ajuda aqueles que enfrentam dificuldades nessa área. Ele usa nossa vontade fraca, nossos recursos inadequados e transformamos pelo Seu poder para alcançar Seus propósitos. Portanto, "Confia no Senhor de todo o teu coração e não te estribes no teu próprio entendimento. Reconhece-O em todos os teus caminhos, e Ele endireitará as tuas veredas." (Prov. 3:5 e 6).

Esse ideal tem um preço e uma recompensa. Quando um pastor e sua esposa aceitam a orientação de Deus para o lar e para o ministério, com a mesma seriedade e prioridade, eles constroem uma barreira de proteção contra as pressões e os problemas inevitáveis.

A manutenção de uma família pastoral exemplar e feliz acarreta problemas suficientes para torná-la um desafio; mas o esforço compensa. Deus deseja que, como famílias pastorais, possamos hoje florescer e crescer plantadas no solo do ministério. ✓

Referências:

1. David Goetz, *Is the Pastor's Family Safe at Home?*, pág. 39.
2. Marshall Shelly, *Well-Intentioned Dragons* (Waco: Word, 1985). Descreve em detalhes as principais pressões que a maioria dos pastores enfrenta em algum ponto no ministério.
3. Ellen White, *Obreiros Evangélicos*, pág. 204.
4. *Guia Para Ministros*, pág. 46.
5. Ellen White, *Ibidem*.

Prioridade MÁXIMA



Divulgação

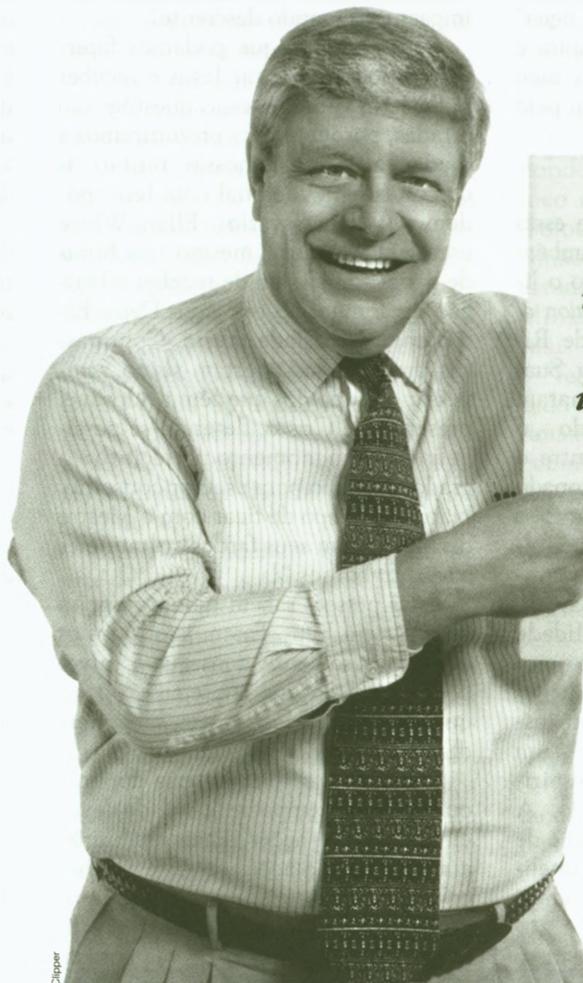
DOUGLAS TILSTRA

*Pastor adventista em British
Columbia, Canadá*

“**Q**uem Me tocou?”, perguntou Jesus. E, em meio à negativa dos discípulos, Pedro respondeu: “Mestre, as multidões Te apertam e Te oprimem e dizem: ‘Quem Me tocou?’” (Luc. 8:45).

Um dos perigos do ministério pastoral é estar falando de Jesus sem o especial benefício do contato. Como Pedro e a multidão desatenta, nós tocamos em Jesus mas nenhum poder é sentido fluindo de nós.

Algum tempo atrás, na tentativa de impedir algo de superficialidade que penetrava em minha alma, busquei alguma revigoradora porção das Escrituras. E maravilhei-me com o apelo agoniado de Abraão por Sodoma (Gên. 18:22-33). Ouvei Moisés cantando com Israel ao lado do Mar Vermelho: “Ó Senhor, quem é como Tu entre os deuses? Quem é como Tu glorificado em



Clipping

*A desesperada
necessidade hoje não
é apenas de pastores
inteligentes ou muito
cultos, mas
que sejam
espiritualmente
profundos*

santidade, terrível em feitos gloriosos, que operas maravilhas?” (Êxo. 15:11). Contemplei Davi dançando, enquanto a arca voltava ao lar (1 Crôn. 15).

Também surpreendi-me com as lágrimas de Daniel por Nabucodonosor (Dan. 4:19); encontrei Esdras rasgando suas vestes e raspando o cabelo em angústia pelos pecados do seu povo, e reu-

nindo aqueles que tremeriam diante da Palavra de Deus (Esd. 9:1-6). Senti a paixão na voz de Paulo, quando ele escreveu aos cristãos de Tessalônica: “Ora, nós, irmãos, orfanados, por breve tempo, de vossa presença, não, porém, do coração, com tanto mais empenho diligenciamos, com grande desejo, ir ver-vos pessoalmente. Por isso, quise-

mos ir até vós (pelo menos eu, Paulo, não somente uma vez, mas duas); contudo, Satanás nos barrou o caminho. Pois quem é a nossa esperança, ou alegria, ou coroa em que exultamos, na presença de nosso Senhor Jesus em Sua vinda? Não sois vós? Sim, vós sois realmente a nossa glória e a nossa alegria!” (I Tess. 2:17-20).

Li o pranto do salmista: “Como suspira a corça pelas correntes das águas, assim, por Ti, ó Deus, suspira a minha alma. A minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo; quando irei e me verei perante a face de Deus?” (Sal. 42:1 e 2). “Ó Deus, Tu és o meu Deus forte; eu Te busco ansiosamente; a minha alma tem sede de Ti; meu corpo Te almeja, como terra árida, exausta, sem água” (Sal. 63:1). “A minha alma suspira e desfalece pelos átrios do Senhor; o meu coração e a minha carne exultam pelo Deus vivo!” (Sal. 84:2).

Perigo de superficialidade

Enquanto eu lia e sublinhava essas passagens em minha Bíblia, também estava lendo o livro *Celebration of Discipline*, de Richard Foster. Suas linhas tornaram mais afiado o contraste entre o povo apaixonado das Escrituras e meu freqüentemente leve contato com Cristo. “Superficialidade é o curso de nossa era. A doutrina da satisfação instantânea é um problema espiritual primário. A desesperada necessidade hoje não é de um grande número de pessoas inteligentes, ou bem dotadas, mas de indivíduos profundos.”¹

David Watson, no prefácio para o mesmo livro faz uma dolorosa avaliação do cristianismo ocidental como sendo “frouxo”, com um “triste declínio na verdadeira espiritualidade”. Talvez, nos últimos 20 anos, desde que Foster escreveu, o declínio se espalhou para além da América do Norte e Europa, e ameaça caracterizar a maioria de nós. “Esquecemo-nos de como estar calmo diante de Deus, como meditar,

envolvidos como estamos no turbilhão da vida moderna. Perdemos nosso senso de direção; e, confusos e perplexos, sabemos pouco da exuberante alegria da celebração experimentada pelo povo de Deus através dos séculos, embora em situações depressivas. Existe pouco para atrair o descrente na igreja organizada e tradicional.”²

Se metade dessa análise for verdadeira, possivelmente nós, pastores, temos que fazer um inventário da nossa vida espiritual. Estamos nós adormecidos em um “papel profissional de pastor” que pode tocar apenas levemente as coisas de Deus? É ele pouco melhor que “o bronze que soa ou o címbalo que retine” (I Cor. 13:1) que causa pouco impacto no mundo descrente?

Se é assim, o que podemos fazer? Como podemos tocar Jesus e receber poder? Na verdade, essas questões são erradas, porque nunca produziremos a mudança. Mesmo nossas tentativas de conexão devocional com Jesus podem nos deixar vazios. Ellen White escreveu: “Muitos, mesmo nas horas de devoção, deixam de receber a bênção da comunhão real com Deus. Estão com demasiada pressa. Com passos precipitados apertam-se ao atravessar o grupo dos que têm a adorável presença de Cristo, detendo-se possivelmente um momento no recinto sagrado, mas não para esperar conselho. Não têm tempo de ficar com o Mestre divino. E com seus fardos voltam eles a seus trabalhos.”³

Essas pessoas sabem tudo a respeito de tocar em Jesus. Fazem isso todos os dias! Mas somente conseguem talvez pouco mais do que conseguia o povo que tocava o Mestre sem saber que dEle saía poder.

Porventura a solução seria duplicar ou triplicar o tempo de atividade devocional? Nossas ações jamais produzirão a mudança. As ações daquela mulher com hemorragia não eram tão diferentes das ações casuais da multidão. A diferença era seu desejo de ser curada. “Concentrara-se, naquele único toque, toda a fé de sua vida.”⁴ O toque era simplesmente uma expressão do seu intenso desejo.

A fonte do desejo

De onde vem esse anelo? Não das minhas ações. Nem mesmo de um ato da minha vontade. O desejo por Deus é um dom da graça. Jesus disse isso

muito claramente: “Ninguém pode vir a Mim se o Pai que Me enviou, não o trouxer” (João. 6:44). “E Eu, quando for levantado da Terra, atrairei todos a Mim mesmo” (João. 12:32). Anelo por Deus é um dom! Jesus é levantado e nós somos atraídos. O Pai declara, “com amor eterno te amei, por isso com benignidade te atraí” (Jer. 31:3), e nós O desejamos. E clamamos em resposta: “A Ti levanto as mãos; a minha alma anseia por Ti, como terra sedenta” (Sal. 143:6).

Como pastores, penso que minimizamos ou descuidamos esse dom. Muito freqüentemente estamos tão preocupados em elaborar uma idéia no esboço de um sermão, que deixamos de ouvir a voz de nosso Pai. Estamos procurando palavras, planejando coisas, fazendo avançar o reino, esquecemo-nos de que somos como crianças desesperadamente necessitadas do amor do Pai, a nós prodigalizado além da imaginação.

Desejo de Deus é um dom nascido do amor do Pai. Eu não posso manufacturá-lo. Posso abraçá-lo. E também posso abraçar aquelas atitudes e ações que nutrem esse dom e resistem a tudo que tenta destruí-lo. Minha experiência tem mostrado quão facilmente eu esqueço de que esse desejo é um dom da graça. Também tenho aprendido quão tranqüilo eu me torno ao abraçar aquelas atitudes e ações que nutrem esse dom e resistem as coisas que o destroem.

Uma dessas atitudes é minha identidade como filho. Sou um filho de Deus, Sua criancinha, antes de ser um pastor, professor, conselheiro, administrador ou qualquer coisa mais. Sou filho de Deus. Sou precioso para Ele sem que tenha de apresentar algum feito especial. Sou vulnerável sem a Sua ajuda. Tão vulnerável como um coração dividido, uma mente distraída, um amor diminuído, como qualquer das pessoas às quais eu ministro. Meu papel como pastor não me torna melhor que os outros, diante de Deus. Sou apenas um filho, desesperadamente necessitado da ajuda diária do meu Pai. Enquanto eu abraço essa atitude, abraço o dom.

Integração da vida

A outra atitude a ser abraçada deriva-se da primeira. Eu estou aprendendo uma integração da minha vida (emo-

Somos como

criancinhas

desesperadamente

necessitadas do

amor do Pai.

cional, social, familiar, física, espiritual, vocacional). Keith Miller no livro *The Taste of New Wine* (O Sabor do Vinho Novo), expressou isso, dez anos depois de sua conversão: “Todas as diferentes personalidades que eu tenho projetado nas várias áreas de minha experiência foram como que incorporadas em mim. Eu não tenho um vocabulário separado, um tipo diferente de humor e um diferente padrão de ética para minha vida profissional, familiar, religiosa e devocional. Foi como se Cristo tivesse levantado Seu punho e golpeado divisões em minha alma, tornando a minha vida tão fragmentada.”⁵

Também estou aprendendo a “colocar-me sob a autoridade da Palavra”, em vez de usá-la como um instrumento de negócio. Estou aprendendo a pensar em termo de igreja de Deus, trabalho de Deus e perspectiva de Deus, em vez de minha congregação, meu trabalho, meus planos. Às vezes dolorosamente, estou aprendendo vulnerabilidade, transparência e autenticidade. Estou aprendendo mais do significado de graça no sábado, mesmo sendo pastor! É que, como todos os dons da graça divina, o sábado pode ser destruído ou desfrutado, por causa dos limites nos quais estou querendo vivê-lo.

Esperando nEle

Todas essas atitudes que nutrem meu desejo por Deus sobrepõem com ações que abraçam e nutrem essa paixão. Para mim, as ações mais significativas são aquelas que me ensinam a arte de esperar. Mais de uma dúzia de palavras hebraicas são traduzidas como “esperar” na Versão King James. Tais palavras têm raízes que significam silêncio, ficar em silêncio, esperar fervorosamente, ter esperança, expectar, procurar, vigiar, etc. E são traduzidas como tais em outras versões da Bíblia. Às vezes, a palavra “repouso” é usada, como em algumas versões do Salmo 65:2.

Ironicamente, a arte de esperar, ou encontrar repouso, parece exigir grande esforço da parte de alguns. É tão contrária à nossa natureza e ao nosso ambiente! No entanto, é a única habilidade mais importante que eu descobri para abraçar o dom da graça – o dom de desejar Deus. De modo que tenho lutado para encontrar tempo, lugar e maneiras para repousar – esperar em Deus. Tenho tentado tirar um in-

dício de uma declaração feita por Ellen White sobre aqueles que apressadamente se encontram com Jesus e voltam ao trabalho com as mesmas cargas de antes.

Ela diz: “Estes trabalhadores nunca poderão alcançar o maior êxito antes que aprendam o segredo da força. Devem dar a si mesmos tempo para pensar, orar e esperar de Deus a uma renovação da força física, mental e espiritual. Precisam da influência enobrecedora do Seu Espírito. Recebendo-a, animar-se-ão de uma nova vida. O corpo exausto e o cérebro cansado refrigere-se-ão, e o coração oprimido aliviar-se-á.

“Não uma pausa momentânea em Sua presença, mas contato pessoal com Cristo; assentarmo-nos em Sua companhia – eis nossa necessidade.”⁶

Estou aprendendo a arte de esperar, em meio aos tempos apressados, em Jesus. Estou aprendendo o valor dos dias e horas solitários, empregados no silêncio do oceano ou nas montanhas. Estou aprendendo a ouvir, bem como a falar, em oração. Estou aprendendo a expressar mais de mim mesmo e minhas emoções enquanto oro, através dos salmos, e reflito sobre cada dia da perspectiva de Deus. Estou aprendendo novas maneiras de receber a inspiração de Deus. Estou aprendendo (suavemente) a linguagem da adoração, entrega e confiança.

Estou aprendendo que aqui, na arte de esperar, ações e atitudes se entrecruzam como em nenhum outro lugar. Richard Foster disse: “Devemos ver, portanto, como a totalidade dos nossos dias está preparando-nos para tempos específicos de meditação. Se estamos sendo constantemente arrastados em atividade frenética, seremos incapazes para perceber o momento do silêncio interior. A mente que está incomodada e fragmentada por negócios externos dificilmente está preparada para a meditação... Com

nossa tendência para definir as pessoas em termos do que elas produzem, faríamos bem em cultivar o ‘santo lazer’. E se esperamos ter sucesso na arte contemplativa, devemos perseguir o ‘santo lazer’ com uma determinação que é implacável para nossa agenda.”⁷

Responsabilidade

Mencionarei brevemente algumas outras ações que estão me permitindo abraçar melhor o desejo por Deus. Um hábito poderoso é o compromisso para orar com um companheiro. Doze anos atrás, comecei a orar e abrir minha vida a alguns outros irmãos cristãos. O maior benefício desse tipo de oração em parceria é: nunca deixarei um período de oração sem sentir um crescente desejo para conhecer melhor a Deus.

Outras práticas significativas: responder eu mesmo ao desafio que coloco diante da minha congregação. Colocar-me sob o ensino daqueles irmãos mais amadurecidos, cantar e estudar as disciplinas espirituais clássicas.

Tem você tocado em Jesus ultimamente? Está faminto de alguma coisa mais? “Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça porque serão fartos” (Mat. 5:6). “No último dia, o grande dia da festa, levantou-Se Jesus e exclamou: Se alguém tem sede, venha a Mim e beba. Quem crer em Mim, como diz a Escritura, do seu interior fluirão rios de água viva” (Jo. 7:37 e 38). ✓

*Precisamos tomar
tempo para
buscar de Deus
renovação física,
mental e
espiritual.*

Referências:

1. Richard Foster, *Celebration of Discipline* (Toronto: Hodder & Stoughton, 1980, pág. 1).
2. David Watson, no prefácio de *Celebration of Discipline*.
3. Ellen G. White, *Educação*, pág. 260.
4. _____ *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 343.
5. Keith Miller, *The Taste of New Wine* (Waco, Texas: Word Books, 1965), pág. 65.
6. Ellen G. White, *Educação*, págs. 260 e 261.
7. Richard Foster, *Op. Cit.*, págs. 20 e 21.

Pastor de CORDEIROS



Divulgação

RICHARD DUERKSEN

Diretor espiritual do Hospital Adventista da Flórida, Estados Unidos

Tenho pesquisado centenas de adolescentes e jovens, tentando descobrir o que os líderes podem fazer para estabelecer um clima que possibilite a ação transformadora de Deus. Dessas conversas captei cinco conselhos que partilho neste artigo.

Dar o exemplo

O pastor deve ser um modelo daquilo que espera do jovem. Nada pode substituir nossa dedicação pessoal a Cristo. Os jovens não estão interessados em fatos sobre Jesus, mas no que Ele significa para você. Eles estão desejando líderes verazes, cujo cristianismo seja uma amizade prática e diária com Cristo.

Para inspirar espiritualmente, seja espiritual; seja a transparência de Deus.

Fazer amizade

Como podemos ser amigos dos jovens? Tente as seguintes sugestões:

1. Planeje alguns minutos cada dia para falar com um ou mais jovens, pessoalmente ou ao telefone.
2. Convide os jovens à sua casa, para comer pipoca e conversar.
3. Saia com eles para um lugar ao ar

livre. Pode ser um acampamento ou um dia num parque. Então partilhe sua experiência de crescimento em Cristo.

4. Esteja disposto para atender qualquer necessidade dos jovens.

5. Desde que não comprometa o testemunho cristão, esteja onde os jovens estão, apreciando as coisas à maneira deles.

6. Mantenha os olhos e os ouvidos abertos para os sinais das carências dos jovens. Ore para que o Senhor as revele para você.

Atenção e disponibilidade

A adolescência é um período de crise, de reavaliação de tudo, da busca de significado. Para o jovem cristão é também um período de crise da fé, quando tudo o que sempre creram está em julgamento. Esteja atento ao que aconteça com eles; seja aberto e disponível.

Charles Shelton relaciona oito forças com as quais os jovens se deparam durante essa crise de fé:

Pressão do grupo. A decisão de se rebelar contra a religião organizada é reforçada pelo grande número de colegas que já fizeram tal opção.

Alienação institucional. Os jovens estão mais interessados nas formas de relacionamento pessoal de culto do que nas grandes instituições, nos grandes cultos ou programas da igreja.

Distanciamento dos pais. Na adolescência, a maioria dos jovens estão afoitos para descobrir quem são e onde se encaixam na vida. É importante que você encoraje a sua necessidade de independência e, ao mesmo tempo, desencoraje o sentimento de que seus pais são antiquados.

Rebelião. Algumas vezes o processo de “encontrar o meu eu” assume uma direção chamada na psicologia de

“identidade negativa”. A maioria dos líderes de jovens a chamam de rebelião. Você pode ser um fator chave ao aceitar os “rebelde” para desenvolver neles os adultos em que se tornarão.

Busca de significado. Os jovens têm que responder agora às grandes questões da vida, de forma honesta e cuidadosa. Você é privilegiado por estar exatamente aí, para ajudá-los a articular tais respostas no contexto do amor de Deus e Sua vontade para a vida deles. Planeje atividades onde possam dialogar sobre a vontade de Deus, a missão, o cristão, etc.

Desilusão. Ao verem os fracassos dos adultos, os jovens se questionam até que ponto o sofrimento da vida compensa. Isso lhe dá chance para responder com amizade e amor, em uma discussão aberta, sobre o caráter de Deus.

Dificuldade pessoal. Muitos adolescentes são oriundos de lares onde os conflitos são difíceis e constantes, e suas inseguranças emocionais não os encorajam a fazer um compromisso de fé com Deus. Esses jovens necessitam mais curativos de amor do que grupos de oração e sermões.

Meio ambiente. A maioria dos jovens parece satisfeita com o fato de ser absorvida pelas pressões culturais do “viva hoje”. Essa verdade lhe dá o desafio de ajudar os jovens a olharem sua cultura de forma tão crítica como olham a igreja.

Atenção à individualidade

Lembre-se de que cada jovem é um indivíduo. Não espere que todos reajam da mesma forma às idéias, aos programas e mesmo em relação à sua pessoa. Sua responsabilidade é amar a cada um pelo que ele realmente é. Planeje atividades que atendam aos interesses e à personalidade de cada jovem no grupo.

Disposição para servir

A razão de sua liderança é servir os jovens. É uma tentação para os líderes estarem mais preocupados com sua reputação pessoal e sucesso do que com o crescimento espiritual dos jovens. Mas os grandes líderes de jovens trabalham para torná-los pessoas íntegras, ampliando-lhes a visão e o propósito do que teriam por si mesmos. ✓

Segundo o CORAÇÃO de Deus



Divulgação

HORNE P. SILVA

D.Min., pastor e professor de Teologia, jubilado, reside em São Paulo, Brasil

Uma das expressões mais belas e apropriadas para definir a função do ministro é “pastor”. A idéia de pastor predomina em toda parte tanto no Antigo como no Novo Testamento. Antes que o homem falasse de Deus como seu Pai, dEle se dizia ternamente como sendo seu Pastor. Os poetas hebreus pintaram Jeová como um Pastor. Oraram ao Pastor de Israel. Aguardaram a vinda do Messias como um Pastor que carregaria os Seus cordeiros no regaço.

De todos os títulos dados ao nosso Senhor, nenhum é mais significativo do que “o Bom Pastor”. Ele nunca falou de Si mesmo como sendo bispo ou sacerdote, presidente ou pregador, mas sempre como pastor. A mais antiga figura de Cristo encontrada nas catacumbas O apresenta como um Pastor que carrega e cuida do rebanho.

Desafortunadamente, com o correr

O trabalho do pastor não é exercido por causa do salário, nem pressão, mas pela vontade e pelo amor de Cristo. Embora deva responder perante seus irmãos, ele é servo do soberano Deus

dos séculos, desapareceu da mente do mundo cristão a figura do bom pastor. Em seu lugar surgiram outros emblemas da fé cristã. Em vez do meigo pastor apareceram o crucificado Sofredor, o bebê nos braços da mãe e o Mestre na ceia de despedida.

Triste foi para a Igreja a perda da visão do pastor. O seu dirigente em vez de cuidar e alimentar o rebanho, perdeu-se nas penitências e nos sacramentos. A sua habilidade é medida pelo trabalho público executado e não como pastor.

Cuidado pastoral

Nos tempos bíblicos, o pastor era um homem de coragem, um atalaia, um protetor. Diz-nos o rifão antigo que “onde existem ovelhas, há lobos”; e os lobos desapiadadamente devoram o rebanho.

À noite, o pastor costumava deitar-se atravessado na soleira da porta, tornando-se uma porta viva. Dormia onde dormiam as ovelhas. Nunca era achado fora do seu dever. Nenhum ladrão ou fera podia atacar o rebanho sem o seu conhecimento. Tampouco poderia qualquer

ovelha escapar do redil, a não ser que passasse sobre o seu corpo.

As ovelhas são criaturas indefesas. Quase todos os animais podem se proteger, mas não a ovelha. Nas terras orientais, o rebanho estava cercado de perigos por todos os lados. Por isso, os pastores eram homens fortes, cheios de coragem. Às vezes era construída uma torre e, a certos intervalos durante o dia, o pastor subia e perscrutava a paisagem para ver se havia perigo iminente.

Parece que as ovelhas não têm o sentido de direção. Entretidas em busca de uma alimentação aqui e ali, facilmente se perdem, mas não repentinamente. Antes de ser uma ovelha perdida é uma desgarrada. E aí é que ela precisa de ajuda, de amizade, para reintegrar-se no aprisco.

Quando a ovelha perdida descobre que está separada do rebanho, fica ansiosa para encontrar-se com as companheiras. Lança-se de um lado para outro, mas, quanto mais tenta, tanto mais longe vai se afastando do aprisco. A ovelha perdida nunca encontrará o caminho de casa. Por isso ela necessita de um pastor. O pastor conhece muito de

meteorologia, pelo menos na prática. Conhece muito bem o tempo. Sabe quando vai dar tempestade, e sabe quão perigoso e desastroso pode ser isso para o seu rebanho.

Além da proteção, as ovelhas precisam de um pastor que saiba prover-lhes o sustento. Elas precisam ser alimentadas e dessedentadas. Nas estações secas, o rebanho precisa ser freqüentemente mudado de um pasto para outro. As ovelhas não sabem onde buscar pastagem e água. Para ter ovelhas saudáveis, boa lã, o pastor deve levá-las a verdes pastos e águas tranqüilas.

O pastor também conhece as suas ovelhas e elas conhecem o seu pastor. Ele sempre está pensando no que poderá fazer pelas ovelhas. Ele as ama, vigia e alimenta. Cada uma delas tem um lugar no seu coração. O trabalho do pastor é guiar, proteger e alimentar com amor. Jesus perguntou a Pedro: "Amas-Me?" E acrescentou: "Pastoreia as Minhas ovelhas"; cuida delas com ternura, defende-as com compreensão e re-

gozija-te em seu crescimento.

Nossa perda de membros da igreja por apostasia nos condena. Apostasia é o sopro gélido que destrói o fogo e o entusiasmo do pastor. Salomão aconselha: "Procura conhecer o estado das tuas ovelhas, e cuida dos teus rebanhos (Prov. 27:23)". Outra tradução nos diz que o pastor deve

"conhecer ou colocar o coração onde está o seu rebanho". Deve haver uma profunda simpatia e interesse pelas necessidades de nossos membros. Algumas vezes a apostasia pode ser o termômetro do interesse do pastor por sua igreja.

A igreja é o corpo de Cristo, o objeto supremo de Seu interesse. Em seu favor, Ele deu a vida. Dessa forma, cada indivíduo e cada parte desse corpo são preciosos para Ele. Por uma única ovelha, Ele teria morrido. Uma alma é tão valiosa como todo o mundo.

Olhando através da luz que emana



O pastor está sempre pensando no que poderá fazer pelas ovelhas.

Ele as ama, vigia e alimenta.

do Calvário, cortar, afastar um membro do rebanho é a experiência mais solene de todas as relações humanas. É pior do que a morte. Será que deveria haver lágrimas, súplicas, jejuns, quebrantamento de coração, de pastores e membros, verificando se houve da parte deles alguma coisa que levou a ovelha a se extraviar, e agora está prestes a ser eliminada do rebanho? Nosso Senhor teria morrido para salvar uma só. Moisés estava disposto a remover o seu próprio nome do Livro da Vida se isso redundasse em salvação dos que estavam sob seus cuidados.

É verdade que há ocasiões em que as ovelhas precisam de correção, mas sobretudo necessitam de cuidado. Confiança e amor da parte do pastor farão mais do que censura e disciplina. O rebanho precisa ser orientado.

Perigos de dentro

Ao verificarmos a proximidade da segunda vinda de Cristo, devemos estar apercebidos dos perigos de fora. Mas estejamos alertas contra os perigos de dentro que nos assaltam constantemente. Deus tem um "pequeno rebanho" espalhado por toda a Terra e em quase todas as línguas. É a Sua igreja remanescente. Ela precisa ser cuidada, preparada para as dificuldades e provas, e para a segunda vinda de Cristo. Os pastores são os responsáveis por esse re-

banho e terão que prestar contas ao Supremo Pastor, Jesus.

Alguns dos nossos queridos irmãos estão perdendo o entusiasmo e a coragem e se tornando escravos de hábitos que eles conscientemente sabem que os levarão à ruína eterna. São indiferentes ou inaptos para encontrarem a vitória. Estão desencorajados e com o coração partido, conforme a sua própria experiência. Se não houver alguma coisa para reviver a fé e a esperança, estarão perdidos. Os pastores têm a responsabilidade de fortalecer-lhes as mãos fracas, confirmar-lhes os joelhos débeis, nesta geração de indulgência própria e prazeres seculares.

Em cada auditório há pessoas acalunhadas por problemas e que estão ansiosas por uma luz que as tire das trevas em que se encontram. Em cada lar que o pastor visita há inquietações que necessitam ser dissipadas. As visitas pastorais não deveriam ser apenas com o fim de levar-lhes o cupom de algum pedido, material de recolta ou a parte que lhes corresponde no programa do sábado. Muito menos deve o pastor dar a impressão de que está apenas cumprindo um dever profissional.

Milhares estão abandonando a igreja porque não encontram nela algo que lhes satisfaça as necessidades. O pastor não deve ver nessas almas ansiosas apenas um número para o seu re-

latório mensal, mas seres humanos com lutas, angústias, anelos e necessidades que conhecem uma solução: Cristo. O pastor deve cuidar para não ter na sua congregação homens mortos espiritualmente.

Nas parábolas da ovelha perdida, da dracma perdida e do filho pródigo, Cristo deixou claro o Seu interesse por aqueles que uma vez já pertenceram ao grupo e se extraviaram. Ninguém poderá ler essas parábolas sem sentir a consternação de Cristo pelos que perdem o caminho. Se a conversão de um pecador causa regozijo aos anjos, intenso deve ser o sofrimento nos Céus, quando uma alma que uma vez foi justificada retorna ao serviço de Satanás.

O pastor deveria ter sempre em mente que a igreja deve ser um lugar onde pessoas más são bem-vindas e ajudadas a se tornarem boas. E pessoas boas, a se tornarem melhores. "Atendei por vós e por todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo vos constituiu bispos, para pastoreardes a Igreja de Deus, a qual Ele comprou com o Seu próprio sangue" (Atos. 20:28).

Pastoreando a igreja

Em Sua última conversação com Pedro, Jesus enfatizou a necessidade de alimentar o rebanho. Três vezes Ele instruiu o apóstolo a alimentar o rebanho. O pastor deve dar a seu povo uma mensagem que irá satisfazer sua fome. Eles devem ser alimentados, nutridos com a mensagem que vai ao encontro de suas necessidades, fazendo-os crescer sadios na vida cristã.

Qual deve ser o alimento? Sermões são mais que recapitulações de recortes de jornais, mais do que lista de estatísticas. Mais do que artigos lidos em alguns jornais ou revistas religiosos. São mais do que citações de Ellen White. O nosso povo não necessita de muitas dissertações sobre os problemas sociais ou ensaios relativos à situação religiosa do mundo. Não está interessado nas declarações dos eruditos, dos homens de reputação e fama.

A queixa mais comum entre o rebanho é a de que não ouvem mensagens bíblicas. O rebanho quer um alimento sólido, sermões devidamente preparados sobre os grandes temas do Livro Sagrado. Não está interessado em sermões que qualquer pregador protestante pode dar. Ele sabe que o julgamento está à frente e terá que enfren-

tar tempos difíceis. Sabe perfeitamente que o inimigo vai fazer o esforço final para enganá-lo. As ovelhas querem ser alimentadas com o pão vivo que sustenta e nutre.

Há somente uma coisa que constitui o alimento espiritual para o homem espiritual, e isto é a divina Palavra de Deus. Esse é o alimento para a alma (Deut. 8:3).

Os pastores adventistas deveriam descobrir a forma de tomar as nossas grandes verdades proféticas e doutrínarias e infundir-lhes vida, dinamismo. A mera teoria só é o esqueleto da verdade e nunca atrairá às fontes de água viva as almas sedentas. O pregador que alimenta sua mente e alma com a mensagem da Bíblia nunca precisa preocupar-se durante a semana perguntando-se que orientação dar ao tema que apresentará no sermão de sábado. Por que razão, na maioria das vezes, a alimentação servida cada sábado não satisfaz? É que o pastor prega sermões que ele mesmo não preparou. Visita indivíduos pelos quais não tomou tempo para orar. Torna-se estranho para com sua família. Está tão ocupado em fazer o trabalho da igreja, que não tem tempo para trabalhar para a igreja.

No seu programa não há tempo para Cristo. Quando é que faz oração? Quando é que ele alimenta a sua própria alma? É possível preparar um alimento espiritual saudável para alimentar a alma faminta da sua congregação, quando ele mesmo está desnutrido? É possível ensinar outros a viverem uma vida santificada quando a sua própria vida é um exemplo de precipitação, incessante correria de manhã à noite, atrás de tarefas secundárias? Não. Ninguém pode guiar outros em questões espirituais além de si mesmo. Santidade é devoção, e devoção requer tempo. O tempo encoraja a quietude da alma, a meditação em Deus e Sua Palavra; uma conversação com o Deus do Universo.

Para o pastor que deseja alimentar o rebanho, há dois perigos: 1) preparação inadequada dos sermões e 2) uma dieta homilética desequilibrada. É tão fácil e tentador pregar sobre alguns tópicos favoritos, superficiais, negligenciando temas importantes que requerem mais profunda pesquisa!

Sermões não são cogumelos que nascem numa noite. Eles são como o trigo. Primeiro a planta, a espiga e depois o grão. O trigo não está pronto

para a colheita e para ser usado, até que esteja primeiro completamente maduro. Semelhantemente, os sermões devem crescer à completa maturidade no solo fértil da mente e do coração do pastor, enquanto é regado pelo Espírito Santo e aquecido pelo Sol da Justiça.

Somente quando cavamos profundamente os grandes temas da Bíblia e enchemos a nossa alma com a mensagem é que devemos extravasar de nosso coração para os ouvintes. Só assim as nossas palavras serão acompanhadas do poder do Espírito Santo. Isso requer um estudo regular, sistemático, fervoroso e com oração da Palavra de Deus.

Os bancos de qualquer igreja, grande ou pequena, estão ocupados hoje por homens e mulheres educados nas modernas formas de pensamento. Não se requer que o pastor seja um intelectual brilhante, mas sim que seja intelectualmente competente. No livro *A Ciência do Bom Viver*, página 499, está escrito: "Nunca penseis que já aprendestes o suficiente, e que podeis afrouxar agora vossos esforços. O espírito cultivado é a medida do homem. Vossa educação deve continuar através da vida inteira; deveis aprender todos os dias, e pôr em prática os conhecimentos adquiridos."

O título ou o diploma têm pouca significação, a menos que a mente progrida em forma contínua. Um pastor não pode ser um preguiçoso mental. Ele deve melhorar continuamente sua capacidade mental. Contudo, não basta a cultura meramente secular. Pertence ao acessório, mas não à substância. A suprema qualificação do pastor é a qualidade de seu ser espiritual. Em todos os aspectos de sua vida e obra, ele deve dar uma inconfundível evidência de que tem uma experiência com Deus constantemente renovada. É a sua espiritualidade que lhe dá autoridade e conquista o respeito, o afeto e a confiança dos seus membros.

O segredo íntimo de todo o verda-

Os pastores são os mensageiros de Jeová. Devem ser inspiradores de fé, esperança e amor, entre a família humana.

deiro pastor é a consciência imediata de Deus mediante o Espírito de Jesus Cristo em sua pessoa. Sem ela, sua obra não é a de um pastor, mas de um malabarista espiritual, que não tem condições de alimentar espiritualmente as suas ovelhas. O membro da igreja, assediado por uma semana de problemas assenta-se no banco desejoso de apanhar um vislumbre do Mestre e ouvir uma mensagem de ânimo e esperança para fazer frente à outra semana. O verdadeiro pastor não deixa o seu rebanho sair do aprisco da igreja sem o pão dos Céus e a água da vida.

Trabalho pessoal

Cristo, o Bom Pastor, disse: “Eu conheço as Minhas ovelhas.” O relato sagrado menciona que Ele entrava nos lares das pessoas, do rico e do pobre, ganhando a simpatia e afeição de todos. Ele convidava o povo para segui-Lo. “Deve o pastor misturar-se livremente com aqueles por quem trabalha a fim de familiarizar-se com eles e saber como adaptar seus ensinamentos às necessidades deles. Havendo pregado um sermão, a obra do ministro apenas começou. Há um trabalho pessoal para ele fazer. Deverá visitar o povo em seus lares, falando e orando com eles com fervor e humildade.” – *Atos dos Apóstolos*, págs. 363 e 364.

Visitar os membros é absolutamente essencial. Nenhum pastor pode compreender as necessidades do rebanho sem visitá-lo de casa em casa, ter um contato pessoal com as pessoas, orar com elas e por elas. É justamente nos lares que as ovelhas ficam conhecendo o seu pastor e vice-versa. É aí que os membros aprendem a amar o seu pastor. Eles devem saber que o pastor dedica tempo para visitá-los e orar com eles. Cristo disse que o bom pastor conhece as suas ovelhas.

Paulo exorta aos pastores para terem cuidado de “todo o rebanho... sei que depois de minha partida, entre vós penetrarão lobos vorazes, que não pouparão o rebanho” (*Atos 20:28 e 29*). Assim sendo, o pastor sábio verificará se as ovelhas estão todas protegidas no aprisco. Se não há alguma do lado de fora, com possibilidade de ser presa fácil do inimigo. Também ocorre de uma ovelha ou outra às vezes causar problemas, dificuldades. O principal trabalho do pastor não é livrar-se do causador de problemas, mas, pacientemente, com amor, ensinar e ajudar a resolver todas as dificuldades.

Há igualmente algumas ovelhas doentes no rebanho. Por isso as igrejas devem ser transformadas em clínicas espirituais, onde as almas conturbadas por causa do pecado possam ter minorações e curadas as feridas do coração. Na parábola, o pastor, deixando o rebanho, sai em busca de uma ovelha:

“Seja embora a noite escura e tempestuosa, perigosos e incertos os caminhos, a busca longa e fastidiosa, ele não vacila enquanto a perda não é encontrada... Chega mesmo à borda do precipício, com risco da própria vida.

“E ao achar a perda, acaso lhe manda ele que o siga? Ameaça-a, porventura, ou a espanca, ou a vai tangendo adiante de si, pensando nos incômodos e ansiedades que por ela sofreu? Não; põe aos ombros a exausta ovelha e, cheio de feliz reconhecimento porque sua busca não foi em vão, volve ao redil. Sua gratidão exprime-se em hinos de regozijo.” – *Obreiros Evangélicos*, págs. 181 e 182.

“Uma coisa faço”

Uma das mais bem-sucedidas artimanhas do inimigo no sentido de neutralizar a eficiência e utilidade de um pastor é levá-lo a dividir sua atenção.

O apóstolo Paulo achava-se muito preocupado, receoso de que Timóteo, a quem amava ternamente, se convertesse num ministro de destaque, cujo zelo e devoção pela obra de Deus fossem diminuídos pelo amor aos ganhos materiais. Por isso escreveu-lhe as palavras expressivas: “Ninguém que milita se embarça com negócios desta vida...” (*II Tim. 2:4*).

Não somente Deus, mas também os que o ouvem esperam que o pastor se dedique inteiramente ao seu trabalho.

“Não podem os pastores fazer um trabalho aceitável para Deus e ao mesmo tempo levar o fardo de grandes empreendimentos de negócios pessoais. Tal divisão de interesses diminui-lhes a percepção espiritual.” – *Idem*, pág. 339.

“Os pastores não devem ter interesses à parte da grande obra de conduzir almas à verdade. Todas as energias são necessárias para isso. Não devem dedicar-se a comerciar, a mascatear, nem a negócio algum além desta grande obra.” – *Testimonies*, vol. 1, pág. 470.

O verdadeiro pastor, se realizar seu trabalho com fidelidade, não terá tempo para atividades paralelas. Dirá, pa-

rafraseando Paulo: “Uma coisa faço” – ser pastor.

Recompensa final

O pastorado ocupa uma posição original entre as profissões existentes. Num sentido que nenhum outro profissional pode pretender, o pastor poderá dizer: “Não sou empregado; não trabalho para homem algum.”

O trabalho do pastor não é exercido por paga em dinheiro, nem pressão, mas pela vontade e pelo amor de Cristo. Se é Cristo quem coloca o pastor no Seu trabalho, homem algum poderá tirá-lo dali. Embora deva responder perante seus irmãos, ele é exclusivamente servo de seu soberano Deus. Essa convicção produzirá pastores em relação aos quais a Igreja pode ficar descansada. São homens que sabem cumprir o seu ministério. Não precisam ser vigiados ou estimulados por prêmios. Trabalham “não servindo à vista, como para agradar a homens, mas como servos de Cristo, fazendo, de coração, a vontade de Deus” (*Efés. 6:6*). São pastores dos quais Deus disse: “Dar-vos-ei pastores segundo o Meu coração, que vos apascentem com conhecimento e com inteligência” (*Jer. 3:15*).

Ao homem chamado e enviado como pastor, Deus está dirigindo uma promessa de companheirismo divino: “Eis que estou convosco todos os dias, até à consumação do século” (*Mat. 28:20*). Essa declaração é tanto uma promessa como um lembrete. Promessa da presença do Mestre e lembrete de sua completa dependência de Cristo.

Movidos por Deus, os pastores deverão ser os mensageiros de Jeová. Nas suas veredas há heresias, a cruz e a espada lançam sua nefasta sombra, mas para além das trevas vê-se o brilho insuperável da glória do Deus triúno. É justamente isso que os pastores têm de ver, embora o presente se mostre envolto em trevas. Devem ser inspiradores de fé, esperança e caridade em meio do temor, da dúvida e do ódio que envolvem a família humana. Nessa obra o pastor é assistido pelos anjos celestes, e ele próprio é instruído e iluminado na verdade que o torna sábio para o reino eterno.

Não vai demorar muito, e ele ouvirá do Supremo Pastor: “Muito bem, servo bom e fiel; foste fiel no pouco; sobre o muito te colocarei; entra no gozo do teu Senhor.” (*Mat. 25:23*). ✓

Seja bom OUVINTE

Algumas pessoas podem se perder, não porque alguém deixou de lhes falar alguma coisa, mas porque deixou de ouvi-las



MISHECK KIRIMI

Ancião de igreja em Nairobi, Quênia

Quando Débora, uma senhora de meia-idade e divorciada, foi encontrada morta em seu quarto com uma seringa letal ainda pendente em sua coxa, o conselheiro local lembrou dois fatos significantes que ele tinha observado no comportamento dela. Primeiro, embora Débora fosse membro de uma igreja próxima, ela não tinha amigos íntimos. Segundo, ela possuía uma história angustiada que precisava partilhar com alguém. Mas não encontrou ninguém responsivo o bastante. Foi isso o que a matou. Provavelmente os únicos ouvidos que estavam abertos para ela eram os de Sly, seu gato de estimação.

Igrejas, instituições, lares e locais de trabalho estão cheios de Déboras, pes-

soas em desesperadora necessidade de serem ouvidas. De acordo com o psiquiatra Paul Tournier, “é impossível enfatizar mais ainda a imensa necessidade que têm os seres humanos de serem ouvidos, de falar e serem compreendidos”.¹ O mundo está sedento por ouvintes de qualidade. Adolescentes procuram falar com pessoas erradas, porque os adultos certos não têm tempo para ouvi-los. Esposas confidenciam em ouvidos errados, porque não encontram paciência e graça nos ouvidos do seu companheiro de vida. Cada vez mais claramente, percebemos em nossa cultura moderna uma atitude de indiferença e pouca tolerância em relação às histórias angustiantes do nosso próximo.

Ouvir efetivamente é uma habilidade especial do ministro. Essa habilidade adiciona qualidade ao trabalho pastoral, porque o povo a percebe como a demonstração básica de amor e cuidado por suas necessidades. Diferente de falar, ouvir é prova de interesse. Não é um processo centralizado no “eu”, mas orientado para o “outro”. Ao ouvir ativamente, o pastor como que diz ao seu consulente: “sua preocupação também é importante para mim. Quero partilhar sua dor e sua felicidade.”

Ouvido pastoral

As pessoas vão à igreja para ouvir. E também vão com um grande desejo de

serem ouvidas. Cada uma delas tem uma história que deve ser contada. As pessoas simplesmente necessitam sentir que significam alguma coisa, ao lhes serem oferecidos ouvidos cuidadosos. Se a igreja não tiver provisão para isso, elas vão falar em outro lugar. Algumas pessoas podem, em última instância, se perder, não porque alguém deixou de lhes falar alguma coisa, mas porque deixou de ouvi-las.

Um ministério ouvinte é um serviço de amor. E a igreja existe para oferecê-lo ao seus membros. Infelizmente, o número de ministros que somente falam tem crescido em detrimento do ministério ouvinte. É tempo de reajustar essa escala.

Falando de maneira prática, superar essa limitação representa começar a criar uma cultura de ouvidos atentos na congregação. O ministro pode transformar a igreja em uma comunidade ouvinte. Pais podem aprender a ouvir os filhos, filhos podem ouvir seus pais. Cônjuges podem ouvir-se mutuamente. Todos podem aprender a ouvir. O resultado será relacionamentos sólidos e saudáveis.

Em seu livro *Os 7 Hábitos das Pessoas Muito Eficazes*, Stephen Covey escreve que “precisamos aprender a ouvir, para nos relacionarmos eficazmente com nossas esposas, filhos, amigos ou colegas de trabalho. E isso exige força interior.

Ouvir implica paciência, mente aberta e vontade de compreender – qualidades supremas de caráter”.²

Ouvindo para curar

Ouvidos com propósitos emocionais curativos não ouvem apenas o que é dito; ouvem a pessoa que está falando. Aqui o “mensageiro” é mais importante do que a “mensagem”. Devemos ser genuinamente sensíveis porque falar é algo tão pessoal que a falta de atenção é semelhante a desrespeito e discordância para com o consulente.

Embora muitas pessoas escutem quando nós falamos, somente uma pessoa solícita nos ouve. A diferença é que o ato de escutar é feito com o ouvido, enquanto que ouvir é algo que se faz com a mente e o coração. Faraó Ptahhotep instruiu seus oficiais para ouvir as súplicas dos seus clientes, com paciência e sem rancor, porque o requerente na verdade quer respeito e atenção para o que ele diz.

Ouvir com esse tipo de preocupação cura feridas emocionais. Não ouvir dessa maneira pode, de fato, criar feridas. Jogamos fora nossos problemas quando sabemos que alguém atento e solícito nos está ouvindo. Partilhar a nossa dor com alguém, torna-a mais suportável. Semelhantemente, ao partilhar alegrias, elas serão mais intensas. De todo modo, ouvir torna a vida melhor.

Qualidades de um bom ouvinte

Para alguém que se revela, descobrindo-se a si mesmo, o ouvinte deve demonstrar quatro qualidades:

Confidencialidade. O consulente necessita estar seguro de que está falando à pessoa certa; alguém a quem pode confiar segredos pessoais, sem o risco de vazamento. A maioria dos adventistas do sétimo dia considera seus pastores como altamente confiáveis. Pastores ouvintes reúnem grande quantidade de informações a respeito dos problemas diários do seu rebanho. Isso aumenta a sua eficiência em ministrar às necessidades, sem mencionar a base de confiança que é construída, à qual todo tipo de porta se abrirá.

O pastor não está livre da pressão de partilhar alguma informação privativa que recebeu. Mas, como uma pessoa de integridade, ele resiste à tentação para fazer isso.

Paciência. Um consulente pode não chegar à raiz do seu problema durante a primeira ou segunda seção do aconselhamento. Os primeiros encon-

tros em geral são ocasiões nas quais o consulente avalia a credibilidade do pastor; testa a água, antes de mergulhar. Pode o pastor ser confiável? É seguro abrir-lhe o coração? Está ele realmente interessado em meu bem-estar? Está disposto a cuidar de mim? Quanto de mim posso descobrir para ele?

Somente quando essas questões forem respondidas, o ouvinte começará a dar informações úteis. Em meio a esses cuidados, é comum que os ouvintes pulsem para as conclusões antes que toda a história seja totalmente revelada. “Eu já sei o que ele vai dizer” é uma atitude que tipicamente retrata a perda de paciência. James W. Gibson e Michael Hanna escreveram: “Você pode tratar com este problema se aprender a ser paciente... Espere até ouvir tudo o que ou-

mos estamos falando. Tão logo nos colocamos na posição de ouvintes, tendemos a escorregar para a indiferença.

A própria palavra “pastor” carrega consigo uma conotação de paciência. Algumas ovelhas são lentas, desajeitadas, ingratas, e sempre estão se desviando das outras. Um pastor precisa ouvir mesmo as pessoas que são lentas, enfadonhas, desinteligentes, ou estão em erro, para então lhes falar o que seja necessário. Quando os pastores ouvem pacientemente tais pessoas, eles estão honrando o seu título. Como escreveu John Powell, “se você levanta suas sobrancelhas, ou limita seu olhar, se você boceja ou consulta o relógio, provavelmente eu me retirarei para um terreno mais seguro; correrei para o abrigo do silêncio”.⁴

Envolvimento. Gibson e Hanna dizem que o ouvido empático nos permite identificar, compreender e refletir sentimentos, necessidades e intenções da outra pessoa. Esse tipo de ouvido capacita o ouvinte com informações que lhe permitem sentir o que está acontecendo; na verdade, o colocam nos sapatos do consulente. Somente então o pastor pode ajudar a quem o procura a explorar e escolher as melhores soluções para o problema apresentado.

Aprender a ouvir

Os pastores necessitam deliberadamente afiar sua habilidade de ouvintes. Os especialistas comparam a habilidade de ser bom ouvinte à capacidade de ser bom leitor. Se ler é ouvir com os olhos, ouvir é ler com os ouvidos. Tal como ler, ouvir pode ser difícil. Ouvir é muito diferente de escutar; requer ativa disciplina.

O primeiro passo para aprender a ser um ouvinte efetivo é admitir a própria limitação para esse trabalho.

Aquisição de informações dos nossos consulentes contribuirá para nosso crescimento profissional e pessoal, no processo de tomar decisões. Além disso, saber ouvir torna nosso ministério mais responsivo às necessidades pessoais daqueles a quem servimos. ✓

*O ato de escutar
é feito com o ouvido.
Ouvir é algo que se
faz com o coração.*

tros têm a dizer, então faça um julgamento crítico. Ser paciente pode significar controlar sua língua afiada para não fazer interrupções.”³

Atenção. Muitos ouvintes permitem que seus pensamentos vagueiem ou oscilem de modo letárgico quando outra pessoa está falando. A menos que o consulente seja excepcionalmente dotado ou o assunto seja muito importante para o ouvinte, 80% do que é dito serão desperdiçados. A maioria de nós presta atenção apenas quando nós mes-

Referências:

1. J. Michael Bennet, *Four Powers of Communications: Skills for Effective Learning* (Nova Iorque: McGraw-Hill, Inc., 1991), pág. 51.
2. Stephen R. Covey, *Os 7 Hábitos das Pessoas Muito Eficazes*, pág. 37.
3. James W. Gibson e Michael Hanna, *Introduction to Human Communication* (Wm. C. Brown Publishers, 1992), pág. 66.
4. John Powell, S. J., *Why Am I Afraid to Tell You Who I Am?* (Niles, Ill.: Argur Communications, 1969), pág. 56.

Súplica de um jovem pastor

Senhor, inicio agora os primeiros passos do meu ministério e sinto o exaltado privilégio do Teu chamado, bem como a ingente responsabilidade que colocaste sobre os meus ombros.

Louvando-Te pela bênção do chamado, rogo-Te,
ao mesmo tempo, força e graça para a espinhosa carreira.

Imploro de Ti capacidade e sabedoria de aliar o mais possível o vigor e o entusiasmo da mocidade com a sensatez da idade provecta.

Rogo-Te que me dês, em grande medida, a verdadeira humildade cristã para que eu jamais me envaideça com o possível êxito do meu ministério e sempre proclame, como o salmista:

“Não a nós, Senhor, não a nós, mas ao Teu nome dá glória” (Sal. 115:1).

Ajuda-me a fugir dos desejos da mocidade contra os quais Teu servo Paulo advertiu a Timóteo; e dirige-me para que eu não cometa desatinos ou leviandades que venham macular a Tua Causa e envergonhar o meu ministério.

Senhor, guarda-me dos perigos da mocidade. A leviandade, a frivolidade, a vaidade, o espírito fútil e criançaola. O perigo da excessiva familiaridade que leva o pastor a esquecer-se da dignidade do seu posto e da nobreza da sua missão.

Por outro lado, guarda-me do perigo de uma dignidade falsa e enfatuada, do perigo da soberba e da vanglória.

Guarda-me do perigo de desdenhar os obreiros veteranos como se nós, os mais jovens, não lhes devêssemos o terreno que eles aplainaram a preço de suor, sangue e lágrimas.

Que eu saiba apreciar o serviço dos obreiros hoje encanecidos, por mais humilde e modesta que seja, aparentemente, a obra por eles realizada. Que eu saiba sempre tributar-lhes o preito da minha admiração e lhes não regateie o meu sincero acatamento e, mesmo, reverência.

Concede-me o bom senso de distinguir as virtudes e os valores reais da obra que eles efetuaram e, assim, não menospreze os seus abnegados labores. Guarda-me do perigo de querer ostentar originalidade e peculiaridade, como se outros não houvesse tão fiéis, capazes e operosos quanto eu.

Dá-me um espírito apreensível, apto a receber lições de onde quer que elas venham, não só de outros pastores, velhos ou moços; mas até de humildes crentes na minha igreja.

Guarda-me de um espírito sarcástico e censorador. Ensina-me a prestar a todos a devida consideração.

Que eu seja amigo da mocidade da minha igreja. Que eu saiba encorajar e não desanimar, consolar e não afligir.

Concede-me a habilidade de descobrir valores e utilizá-los; o bom senso de ensinar os membros da minha igreja a fazerem o trabalho, e não o queira fazer sozinho. Que eu compreenda que o verdadeiro pastor não é aquele que faz sozinho todo o trabalho da igreja, mas o que ensina os crentes a executá-lo.

Dá-me um coração agradecido e jubiloso. Concede-me em alto grau o dom da equanimidade diante da adversidade ou da prosperidade. Extirpa das entranhas do meu ser a inveja, o ciúme, a rivalidade, a desconfiança.

Faze-me generoso, valoroso, confiante e nobre em pensamento, e reto nas atitudes, de modo que o meu rebanho, apesar da minha relativa mocidade, possa ter no teu humilde servo um exemplo e um guia digno de sua confiança.

Senhor, dá que eu cultive, no grau máximo possível, o senso da nobreza e grandeza do meu ministério, de modo a não cobiçar outras honras senão esta suprema honra: a de ser ministro Teu e pastor de um rebanho Teu.

Que no púlpito eu me esconda atrás da cruz e exalte o Salvador que morreu na cruz.

Que eu ande entre o Teu povo de tal maneira que todos percebam que ando também contigo.

Que eu saiba viver com o povo que me deste: trabalhar com ele, sofrer com ele, alegrar-me com ele, sempre guiando-o para as fontes cristalinas e abundantes da experiência cristã na edificação, na santificação, na fé, no amor e no trabalho da Tua Causa.

E quando o Teu servo envelhecer, permite que ele possa ter uma velhice agradecida e boa, lembrando-se das bênçãos que lhe prodigalizaste nestes dias que passam. Estas coisas eu Te rogo, Senhor, em nome do meu Salvador, o Supremo Pastor da nossa alma, Jesus Cristo, Teu Filho. Amém.

Autor desconhecido

A teologia da RENÚNCIA



Divulgação

JOSÉ CÂNDIDO BESSA FILHO

*Ex-secretário ministerial da
Divisão Sul-Americana, jubilado,
reside em Brasília, DF*

O homem, um ser criado soberano e livre, renunciou a essa soberania e entregou-se a uma verdadeira tirania. Renunciou à amorosa soberania divina, entregando-se à escravizante tirania de Satanás. Para ser reintegrado ao plano divino de salvação, o ser humano precisa renunciar à tirania satânica e voltar-se para a amorosa e paternal soberania do eterno Deus.

O cristianismo é uma filosofia de renúncia, e tem por base a própria renúncia. O convite para que um membro da igreja venha e se torne um ministro ou pregador do evangelho exige uma renúncia bem ampla.

Submissão total

Disse Jesus: "Se alguém quer vir após Mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-Me." (Mat. 16:24). A primeira renúncia que um pastor deve fazer é a renúncia de si mesmo. Um ministro deixa de ter vontade própria; a vontade de Cristo passa a ser sua von-

É perigoso haver na Igreja ministros que não fizeram uma entrega total de si mesmos. Essa entrega deve ser completa, sem nenhuma reserva

tade. "Mas nós temos a mente de Cristo", afirmou Paulo.

Tendo a mente de Cristo, o ministro passa a pensar como Cristo; aprende a amar como Cristo; passa a orar como Cristo. Perdoa como Jesus; trabalha como Ele. A respeito de Jesus já se disse que "tão plenamente estava Cristo submetido à vontade de Deus, que unicamente o Pai aparecia em Sua vida" – *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 389.

Nessa atitude residia o segredo da vida vitoriosa do nosso Senhor Jesus Cristo. Uma renúncia completa, uma entrega total. Quando tinha de tomar importantes decisões, Ele dizia: "Seja feita a Tua vontade"; "faça-se a Tua vontade"; "porque Eu desci do Céu não para fazer a Minha vontade, mas a vontade do Pai que Me enviou". Era uma submissão tão plena, que somente a vontade do Pai aparecia. Uma renúncia que não dava lugar à busca da vontade própria.

Como ministros do evangelho, somente quando vivermos a teologia da renúncia, poderemos dizer: "vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim" (Gál. 2:20).

Negação do eu

Existe dentro de cada um de nós um perverso e pecaminoso tirano chamado EU, sempre clamando por atenção. É a esse tirano que devemos renunciar de

maneira tão completa que somente Cristo apareça em nossa vida.

Parece que os sermões mais difíceis de pregar são os que falam de renúncia e de abnegação. A razão disso é porque também é difícil viver tais experiências. Segundo Ellen White, "sob o cabeçalho geral de egoísmo, vinha uma legião de pecados" (*Testemunhos Seletos*, vol. 1, pág. 518). E Satanás dizia: "eu subirei ao Céu"; "serei semelhante ao Altíssimo"; "exaltarei o meu trono".

O chamado para o santo ministério é feito com base na renúncia, ou seja, tem como fundamento a negação do eu.

Negar-se a si mesmo é ocultar-se. "Porque morrestes, e a vossa vida está oculta juntamente com Cristo, em Deus" (Col. 3:3). Um ministro escondido com Cristo, em Deus, significa somente Cristo aparecendo; somente o Espírito Santo falando; somente o Pai sendo glorificado. Negar o eu é esconder-se. "E Ele morreu por todos, para que os que vivem não vivam mais para si mesmos, mas para Aquele que por eles morreu e ressuscitou" (II Cor. 5:15). Um ministro que não vive para si mesmo é uma glória para a Igreja. Precisamos evidenciar a experiência do apóstolo Paulo quando disse: "para mim, o viver é Cristo" (Fil. 1:21).

A abnegação, longe de ser um ato de autodestruição irracional ou perda de personalidade e da vontade, é um ato



supremo de amor de alguém para consigo mesmo. É um ato de máxima significação e valorização da personalidade humana. “Vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim” é a expressão do reflexo da imagem de Deus em nossa vida.

Tudo para Deus

As maiores contribuições para a História e para a Igreja foram realizadas por homens que tiveram a grandeza de renunciar. Eles renunciaram a si mesmos. Quando Cristo chama, nada é maior que o chamado. Cristo honra os que dizem “não” à fama e à fortuna. Caso Saulo de Tarso houvesse permanecido um fariseu orgulhoso e beato, seria de duvidar que a História tivesse recordado o seu nome. No entanto, quando voltou as costas aos desejos e ambições, decidindo servir a Deus e proclamar o evangelho da salvação por Cristo, foi chamado “o grande apóstolo dos gentios”. Deixou um registro de ministério cristão de tal maneira grandioso que foi superado apenas pelo ministério do próprio Cristo.

O Senhor deseja sacrifícios vivos (Rom. 12:1). Nosso Deus não tem interesse em doações posteriores à morte, como os que doam o próprio corpo à ciência médica. O Senhor não é ave de rapina para que Lhe entreguemos carcaças. Ele não está procurando homens e mulheres que Lhe dêem escassas noites, alguns finais de semana ou alguns dos anos alquebrados de uma aposentadoria.

Nada menos que submissão incondicional poderia ser uma adequada resposta ao sacrifício de Jesus no Calvário. Tão

admirável e divino amor jamais poderia satisfazer-se com menos que o nosso tempo, nossos talentos, nossos bens e todo o nosso ser. Quando homens entregam o coração a Deus e a vida a Seu serviço, eles avançam mais rapidamente do que os que vivem para a ambição egoísta.

Negar simplesmente o próprio eu, sem seguir o restante das instruções do Mestre, daria origem a uma vida negativa e infrutífera. Por isso, Ele disse: “tome a sua cruz e siga-Me.”

Prévia da condecoração

As medalhas que mais honra conferem têm a forma de uma cruz. Aqui no Brasil, temos a Ordem do Cruzeiro do Sul. No serviço militar americano, a medalha de distinção apresenta uma águia, um rolo com a inscrição e uma cruz. A França tem a cruz de guerra; e a Alemanha, a cruz de ferro. O heroísmo é exaltado e condecorado quase sempre com uma cruz. A maior organização humanitária do mundo colocou uma cruz vermelha em sua bandeira mundial. Trata-se da Cruz Vermelha Internacional.

A renúncia nos prepara para a condecoração divina. Devemos tomar a cruz e seguir o Mestre. Ele também foi condecorado. Os seres por Ele criados deram-Lhe uma cruz como condecoração. Foi uma cruz extremamente pesada, porque nela estavam depositados os pecados de toda a humanidade. A cruz foi tão pesada que o condecorado Cordeiro de Deus sucumbiu ao seu peso.

Pouco depois da morte de Filipe Brooks, seu irmão mais velho disse ao Dr. McVicker:

“Filipe poderia ter-se cuidado, e haveria, por certo, prolongado a vida. Outros trabalham, porém Felipe se dava aos que os buscavam.”

A resposta do Dr. McVicker foi impressionante:

“Efetivamente, Filipe poderia haver-se cuidado; mas se o tivesse feito não teria sido Filipe Brooks.”

O maior elogio que Jesus recebeu veio dos lábios dos Seus algozes: “Salvou os outros, a Si mesmo não pode salvar-Se.” Ele veio para dar-Se.

A renúncia de nós mesmos, no santo ministério, deve ser completa, total, sem nenhuma reserva. Muitos nunca se

entregaram completamente; não viveram em profundidade a experiência da renúncia. Vivem e trabalham tal como Judas, de quem é dito que “não chegou ao ponto de render-se inteiramente a Cristo. Não renunciou as suas ambições terrenas”. — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 717.

Neste final de tempo, é perigoso haver no seio da Igreja ministros que não fizeram uma entrega total de si mesmos. Judas aceitou o chamado, a imposição das mãos, a investidura e as boas-vindas às fileiras do santo ministério sem negar-se a si mesmo; sem renunciar o próprio eu. Foi um eterno insatisfeito, durante seus três anos de trabalho. E se perdeu.

O homem da cruz

Estéfano era um converso à mensagem do advento e vivia no Congo. Trabalhava como operário. Logo teve de enfrentar problemas com a guarda do sábado. Ele falou com seu chefe e explicou cuidadosamente a razão pela qual não podia trabalhar nesse dia. O chefe mostrou-se compreensivo e condescendente, mas houve um detalhe ao qual era preciso dar atenção. A empresa mantinha uma lista onde eram anotadas as ausências dos empregados e as razões pelas quais elas ocorriam. Se o ausente estava enfermo, o sinal era de um tipo. Se a falta era motivada por motivos particulares, o sinal era outro. A ausência de Estéfano, causada por motivos religiosos, deixou os patrões perplexos. Que sinal seria posto cada sábado, ao lado do seu nome?

O chefe meditou um pouco e, depois, seu semblante iluminou-se ao dizer:

“Coloquem uma cruz ao lado do nome de Estéfano. Ele é um homem da cruz.”

Que formoso tributo – “um homem da cruz”!

Qualquer de nós que não renuncie a si mesmo, não pode ser “um homem da cruz”. Não pode ser um discípulo de Cristo. ✓

*Nada menos
que submissão
incondicional
poderia ser uma
adequada
resposta ao
sacrifício de Jesus
no Calvário.*

“Eis-me aqui”

Sermão proferido na Universidade Peruana União, quando o autor recebeu o título de doutor honoris causa



Divulgação

ALEJANDRO BULLÓN

Secretário ministerial da Divisão Sul-Americana

O texto para a mensagem de hoje está registrado no livro de Isaías 6:1-8:

“No ano da morte do rei Uzias, eu vi o Senhor assentado sobre um alto e sublime trono”, diz Isaías. O ano da morte do rei Uzias deve ter sido provavelmente o ano 740/739 a.C. Esse foi um ano terrível para o povo de Deus. Foi um tempo de perigo e crise. O rei assírio Tiglat-Pileser III vinha como um furacão do lado do norte. Já havia conquistado uma boa parte da Ásia Ocidental e avançava destruindo tudo o que havia no caminho.

Naquele tempo, o rei Uzias era o líder da resistência contra o inimigo assírio. Deus o tinha abençoado sobremaneira. Infelizmente, a soberba entrou no coração de Uzias e ele atreveu-se a entrar no templo de Deus desafiando o poder divino. Como consequência dessa louca atitude, a maldita mancha branca da lepra apareceu na cabeça do

orgulhoso rei. Algum tempo depois, ele morreu leproso, como os párias da sociedade, trazendo vergonha e dor para seu povo. O rei que tinha oferecido resistência à Assíria agora estava morto. Qual seria o destino de Judá? Cairia sob as armas do inimigo? Onde estava Deus naquele instante? Tinha Ele perdido o controle da situação?

Foi nesse ano terrível da morte do rei Uzias que o profeta Isaías dirigiu-se ao templo. Aonde mais podem ir os filhos de Deus quando tudo parece escuro e dá a impressão de que não há luz em lugar nenhum? Qual é a única fonte de auxílio para os filhos de Deus, quando o inimigo está às portas e tudo parece perdido?

Na vida, quando às vezes as sombras da provação nos cercam, quando a crise chega trazendo dor e sofrimento ao coração, quando tudo à nossa volta parece confuso e de cabeça para baixo, é preciso correr ao silêncio da casa de Deus para receber forças através da oração e da meditação. Foi lá, na casa de Deus, que Isaías teve uma correta visão de Deus, do ser humano e da sua missão, através da revelação divina.

Se hoje a Igreja quiser cumprir a missão que Deus lhe confiou, se você, como pastor, desejar eficiência no cumprimento do dever que Deus lhe designou; se todos nós quisermos nos apresentar perante Deus como “obreiros que não têm de que se envergonhar”, é urgente e indispensável que tenhamos uma correta visão da nossa tarefa. Para isso, é preciso que a nossa visão de Deus e do ser humano também sejam corretas.

Visão de Deus

“Eu vi”, diz o profeta, “o Senhor assentado sobre um alto e sublime trono.” Deus queria que, apesar do poderio da Assíria, apesar da vergonhosa morte do líder leproso, apesar das circunstâncias adversas e do ânimo decaído do povo, o profeta visse que Deus ainda estava no controle da situação, Deus queria que o profeta soubesse que o Senhor ainda cuidava do destino das nações, das famílias e das pessoas. Ele ainda estava assentado no alto e sublime trono.

Às vezes, as sombras da vida dificultam a nossa visão; mas Deus sempre Se revelou para muitos homens e de muitas maneiras, garantindo-lhes que está no controle. Moisés viu a glória de Deus (Êxo. 24:10). Micaías também viu o Senhor assentado no Seu trono, quase um século antes da visão de Isaías (I Reis 22:19). Amós também viu o Senhor “por cima do altar” (Amós 9:1). Durante o cativo babilônico, Daniel (Dan. 7:9) e Ezequiel (Eze. 1:1; 10:1-5) também tiveram visões do trono de Deus e, finalmente, João, na ilha de Patmos, não deixou de ter semelhante visão (Apoc. 4:1-6).

Quando tudo parece escuro ao seu redor, Deus quer que você se recolha em oração para contemplar Sua soberania e Seu poder. Ele, o eterno, o Criador dos Céus e da Terra. Ele, no controle do mundo e do Universo. Isaías teve essa visão enquanto orava no átrio do templo. De repente, as portas do templo pareceram abrir-se diante dele e, no lugar Santíssimo, viu o próprio Deus assentado no Seu trono. A palavra *hekal* é

usada geralmente para referir-se ao templo e designa um lugar como “templo” e “palácio” do grande rei do Céu (*Comentário Bíblico Adventista do Séptimo Dia*, vol. 4, pág. 169).

Você nunca terá uma visão correta de sua missão se não tiver uma visão correta de Deus. Para você, quem é Deus? Qual é o tamanho do seu Deus?

Vivemos em um mundo onde a criatura despersonalizou o Criador. O ateísmo, que algumas décadas atrás era moda, hoje é uma filosofia quase obsoleta. Não é mais “chique” negar a existência de Deus. A moda hoje é aceitar que Deus existe, mas que Ele não passa de uma simples energia que pode estar dentro de você ou em qualquer parte da natureza.

O ser humano moderno desviou os olhos do Criador e os fixou na criação. Fez das coisas criadas pequenos deuses que não satisfazem os anseios mais íntimos do coração. Essa insatisfação o deixa confuso e, por isso, tenta achar sentido para sua própria existência em todas as coisas, todos os lugares, filosofias de vida, religiões e maneiras de pensar. “Deus está em tudo e em todos”, fala para si mesmo; mas seu coração continua vazio e desesperado.

Isaías pôde ver o Senhor assentado sobre um alto e sublime trono. Por cima de suas dúvidas, temores e desesperanças. Por cima da turbulência e das circunstâncias. Muito acima das sombras da derrota militar que se aproximava, o profeta teve uma visão correta de Deus. Só um Deus eterno, alto e sublime pode preencher completamente os anseios do coração. Por isso, o profeta viu que “as orlas de suas vestes enchem o templo”.

Assim é Deus. Quando o coração humano O aceita, Ele o preenche completamente. Não pode existir reservas para Ele. Todos os cantos do templo são tomados por sua presença. E os querubins clamavam: “Santo, Santo, Santo é o Senhor dos Exércitos; toda a Terra está cheia de Sua glória” (Isa. 6:3).

Visão da humanidade

Quem é o homem? Qual o seu valor intrínseco? A pergunta de Davi, ao contemplar a majestade do Universo, foi: “Que é o homem para que dele Te lembres? E o filho do homem que o visites?” (Sal. 8:4). Quem é você? Quem sou eu? O humanismo pretende ter a resposta endeusando a pobre criatura. A Nova Era “tenta achar no fundo do ser humano a energia vital. Também pudera!

Ninguém nunca terá uma visão correta da humanidade, se primeiro não tiver uma correta visão da divindade”.

Quando Isaías viu a Deus na plenitude de Sua santidade, Seu poder e soberania, teve consciência de sua triste situação de pecador. Não havia nada de bom nele. Nada que pudesse melhorar. Era preciso ser feito tudo de novo. Por isso clamou: “Ai de mim! Estou perdido! Porque sou homem de lábios impuros, hábito no meio dum povo de impuros lábios, e os meus olhos viram o Rei, o Senhor dos Exércitos!” (Isa. 6:5).

Nós os pastores não estamos em um nível acima dos membros da Igreja. Todos somos pecadores e estamos destituídos da glória de Deus (Rom. 3:23). Precisamos urgentemente entender que, embora tenhamos um trabalho sagrado em nossas mãos, somos tão pecadores como qualquer ser humano. Somente quando tivermos consciência disso buscaremos ao Senhor como a única fonte de salvação e santidade.

Enquanto a pobre humanidade continuar pensando que tem alguma “energia” dentro de si; enquanto todas as suas tentativas e buscas não passarem do nível humano, continuará vazia, angustiada e consumida pelo desespero.

Como pastores precisamos ter uma visão correta da humanidade; e precisamos, ao mesmo tempo, apresentar essa visão para as pessoas. Só então o ser humano pecador correrá aos pés da cruz em busca de auxílio e solução.

O texto bíblico continua dizendo: “Então um dos serafins voou para mim, trazendo na mão uma brasa viva, que tirara do altar com uma tenaz; com a brasa tocou a minha boca e disse: eis que ela tocou os teus lábios; a tua iniquidade foi tirada e perdoado, o teu pecado.” (Isa. 6:7 e 8). A visão correta de Deus não nos mostra somente Sua santidade, Seu poder e soberania. Também não se limita a criar no ser humano a consciência de sua triste e desesperada situação pecaminosa. A visão correta de Deus nos mostra a saída para o terrível problema do pecado.

No templo, existia um altar e nesse altar se oferecia o sacrifício pelo pecado do povo. Graças a Deus que perto do trono sempre há um altar. Louvado seja Deus porque um dia o “Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (João 1:29) foi imolado nesse altar. Mas, perceba um detalhe importante: do altar não vem apenas o perdão, mas também

a transformação. Uma brasa viva é retirada do altar e colocada nos lábios do profeta. E, num instante, Isaías é perdoado e purificado. Não existe justificação sem santificação. Quando Deus perdoa, Ele transforma. Sua graça vem sempre acompanhada de Seu poder.

Visão da missão

O resultado de ter uma visão correta de Deus e da humanidade leva o homem a ter uma visão correta da missão. A resposta de Isaías foi imediata. Seus olhos se abriram para a consciência de seu chamado. Não é outro; sou eu. “Envia-me a mim”, clama o profeta. “Sabia que o castigo viria logo sobre o povo culpado e anelava que os israelitas abandonassem seus pecados. A partir daquele dia, a única tarefa de Isaías seria levar a mensagem divina de admoestação e esperança para Israel.” – *Comentário Bíblico Adventista do Séptimo Dia*, vol. 4, pág. 170.

Tem você uma visão correta de Deus? Já entendeu quem é você, ao olhar-se no espelho da santidade do Deus eterno? Não se desesperem. Olhe também para o altar. Dali vêm a graça para perdoar e o poder para purificar. Agora diga como Isaías: “Eis-me aqui, envia-me a mim!”

O profeta sabia o que o esperava. No primeiro capítulo do livro, podemos ver o tipo de pessoas a quem ele devia apresentar a mensagem. Gente dura, obstinada, anestesiada pelo pecado. Mas nada pode amedrontar você diante da missão, quando sua visão de Deus é correta. Esse Deus todo-poderoso abrirá os mares vermelhos que você encontrar no caminho. Ele fechará a boca dos leões. “Quando passares pelas águas, [elas] não te submergirão; quando... pelo fogo, não te queimarás, nem a chama arderá em ti.” (Isa. 43:2).

O mesmo Deus que o chamou o protegerá do sol e do frio. Tirará a água da rocha e fará cair maná do Céu. Não tema. Seu Deus é grande e poderoso. Não há nada que Ele não possa fazer. Avance, em Seu nome, e cumpra a missão. ✓

Se quisermos nos apresentar perante Deus como “obreiros que não têm de que se envergonhar”, é urgente que tenhamos uma correta visão da nossa tarefa.

Pastores do rebanho

*Conhecem a Deus por experiência pessoal e crêem
que estão em Suas mãos.*

*São tão vazios de si mesmos que podem ser cheios
do Espírito Santo.*

*São servos de Cristo e vivem para servir; não para serem servidos.
Amam a Deus acima de todas as coisas e ao próximo como a si mesmos.*

Temem a Deus de tal modo que não têm medo dos homens.

*Mantêm ciosamente seus momentos de oração, de estudo da Bíblia
e de exame de si mesmos.*

Primeiro têm cuidado de si mesmos e, depois, da doutrina.

*Crêem no poder da Palavra de Deus
e por isso sua pregação é poderosa e eficaz.*

*Vêm em cada pecador um candidato ao Céu
e buscam os perdidos e extraviados.*

Estão dispostos a efetuar a obra pessoal que o cuidado do rebanho exige.

Não se queixam do passado nem têm medo do futuro.

Estão determinados a viver ousadamente e se arriscam a fracassar.

São diligentes e perseverantes.

Ao invés de esperar as oportunidades tratam de encontrá-las.

*Pastoreiam o rebanho de Deus espontaneamente, de boa vontade,
e não por torpe ganância ou constrangimento.*

*São modelos do rebanho, no trabalho, na paciência,
na pureza, no saber, no amor e na esperança.*

*Sua vida e palavra são uma inspiração para que outros também
se tornem cooperadores de Deus.*

*Seu coração permanece em paz e cheio de alegria,
porque seus nomes estão no Livro da Vida.*

Quando o Supremo Pastor vier, receberão a coroa de glória.

Emilson dos Reis

*Professor do Seminário Latino-americano de Teologia,
Engenheiro Coelho, SP*

O que penso do PASTORADO

*O que é ser pastor, segundo
o ponto de vista de uma ovelha*



Divulgação

OFÉLIA W. MORÓZ

*Esposa de pastor, professora jubilada,
reside em Curitiba, PR*

Quando eu era criança, a chegada de um pastor à nossa casa era uma festa. Fazíamos uma limpeza especial no templo, enfeitando-o com muitos vasos floridos. Em casa, a comida era preparada com muito carinho. Eram feitos pratos especiais, uma sobremesa diferente; enfim, muita alegria e muita música. Depois das intensas atividades espirituais sabáticas, sempre havia uma programação social que integrava jovens e idosos. Era bom demais!

O sermão era esperado com ansiosa expectativa. Afinal, quem iria pregar era um pastor, formado em teologia. Isso significava muito para nós que vivíamos em uma comunidade no inte-

rior, onde a visita de um pastor não era muito frequente.

Hoje, essas recordações da minha infância despertam a pergunta: Afinal, o que é ser um pastor?

Um pregador

Para responder a essa pergunta, coloco em primeiro lugar o trabalho da pregação. Um pastor deve saber pregar. Seu sermão não precisa ser rebuscado, com palavras difíceis; mas, além de trazer uma mensagem simples e clara, deve estar acompanhado de poder. Um poder especial que queima todo o lixo do coração humano e permite Cristo entrar e ocupar todo o espaço.

Na pregação, não é o poder do homem que deve falar e se tornar evidente, mas o poder do Espírito Santo, movendo-Se entre as pessoas no auditório; levando-as a experimentar dependência de Deus e uma entrega de seus caminhos ao Senhor. É o poder da Palavra de Deus, levando o ouvinte a sair do recinto sagrado saciado de sua fome espiritual. É o poder que traz vida, renovação, entusiasmo e desejo de prosseguir firme na carreira cristã até a volta do Senhor.

A fim de que possa pregar com poder, é certo que o pastor precisa entregar-se à oração, ao preparo, mas sobretudo também deve ser vocacionado para esse trabalho. Isso significa que

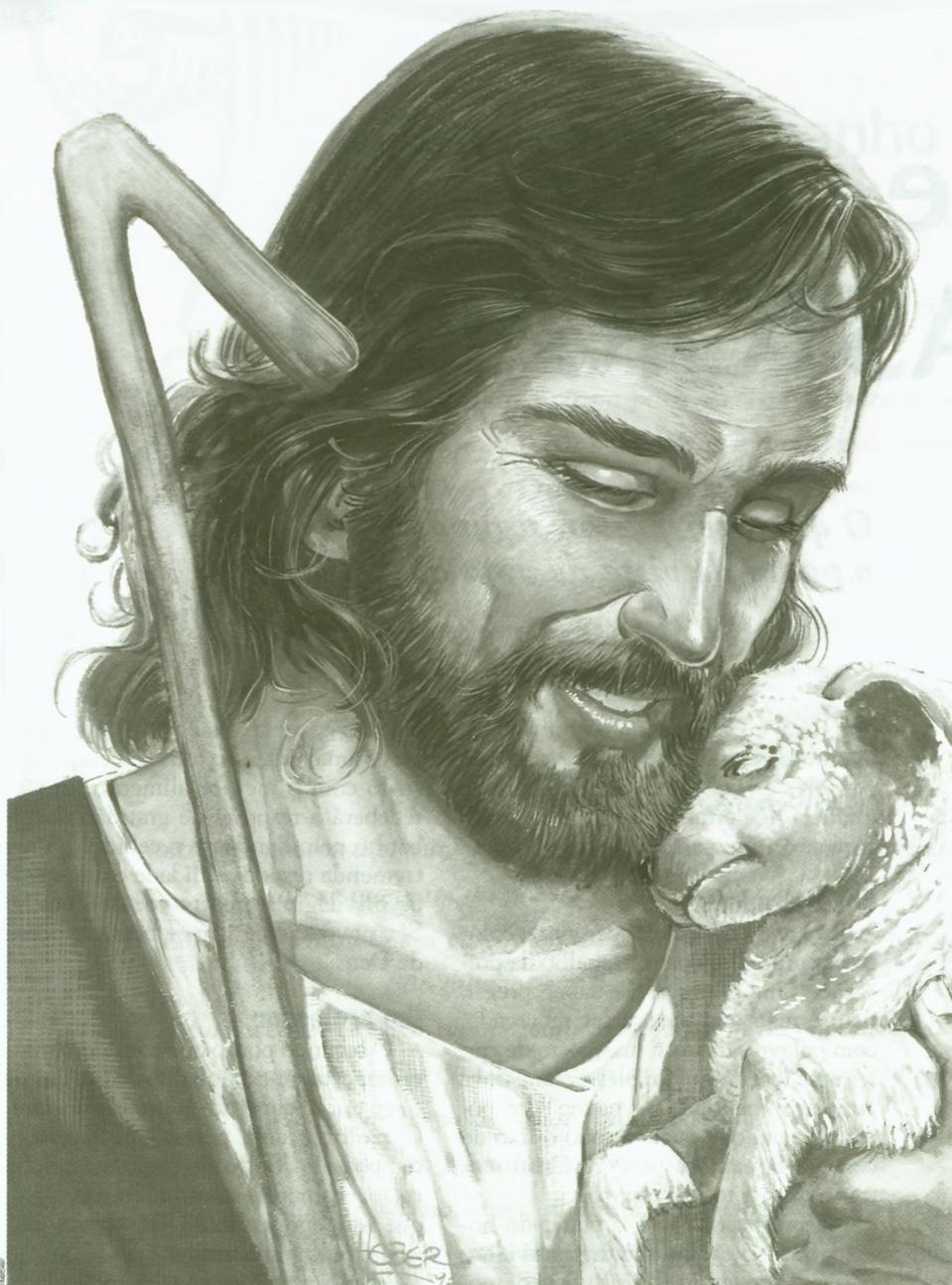
ele deve ter paixão pela pregação. Deve amar o seu rebanho e desejar nutri-lo com o melhor alimento. Então, receberá a resposta de gratidão do rebanho pelo banquete recebido. É uma tremenda responsabilidade e um sagrado privilégio ser porta-voz de Deus ao Seu povo, comunicar-se bem em nome de Deus.

Um professor

O segundo ponto que considero muito importante no trabalho de um pastor é seu conhecimento da arte de ensinar. O pastor é uma pessoa que ensina o tempo todo. Tanto ele como sua família estão ensinando constantemente, sem que isso represente uso de palavras. Ensinam pelo testemunho.

Mas o pastor precisa compreender a metodologia do ensino, para saber o momento certo e a maneira como falar, orientar, aconselhar e, sobretudo, convencer. A arte de ensinar torna-se difícil especialmente quando existem montanhas de informações, quase sempre em total desacordo com o “assim diz o Senhor”.

Ensinar, portanto, exige estudo, preparo, metodologia e arte. Um pastor precisa ser um professor e educador por excelência. Afinal, trabalha com a família: pais, mães e filhos. Nessa altura concluo que o pastor que tem uma família bem constituída é feliz. Dessa maneira, será mais fácil ensinar.



Pescador de homens

Um pastor precisa ser um bom “pescador” de almas para o reino de Jesus Cristo. Realiza esse trabalho com muita simpatia, irradiando felicidade. É um pescador que sabe aproveitar as oportunidades para jogar o anzol com a isca certa.

Sendo um bom pescador, o pastor vive empenhado em formar outros pescadores de almas, unindo toda a sua congregação em grandes pescarias evangelísticas. Não importa se os peixes são grandes ou pequenos. A rede nunca será recolhida vazia, se o trabalho for feito

em união com o Mestre que disse: “Vinde após Mim, e Eu vos farei pescadores de homens” (Mat. 4:19).

Guardião do rebanho

O pastor deve estar sempre presente às programações da igreja, atento às necessidades imediatas dos membros, ter um plano de visitação aos membros. Deve dar prioridade aos enfermos e enlutados, avaliar o crescimento de seu rebanho, mostrar apreciação e gratidão aos que o ajudam a alcançar as metas estabelecidas para seu trabalho. Jamais deve se

esquecer de orientar e ensinar os membros no cumprimento de suas tarefas na igreja. Uma igreja unida e forte está presa aos vínculos do serviço, do louvor e do agradecimento.

De igual forma, o pastor é alguém que está atento às necessidades afetivas, emocionais e espirituais do rebanho. Carinho, bom trato, sem bajulação, mas de coração sincero e cuidadoso, são atitudes que fazem muito bem às pessoas. Não posso imaginar um pastor rude e grosseiro conquistando pessoas para Cristo. Ele pode até ser firme, mas essa firmeza deve ser demonstrada com muito amor e equilíbrio.

Enfim, ser um guardião do rebanho, significa dar assistência a todos os departamentos da igreja, objetivando o bom funcionamento de todas as áreas, além de ministrar as necessidades pessoais do rebanho. O pastor é o supervisor geral de tudo.

Um pastor

Ser pastor é saber pastorear. É cuidar das ovelhas, estando atento a qualquer perigo que possa ameaçá-las. Ele adverte, admoesta, toma providências, buscando a segurança do rebanho. E, se preciso for, enfrenta o inimigo sem temor, porque o Supremo Pastor oferece-lhe proteção e ajuda constante.

Isso me traz à mente a recomendação feita pelo apóstolo Pedro: “Pastoreai o rebanho de Deus que há entre vós, não por constrangimento, mas espontaneamente, como Deus quer; nem por sordida ganância, mas de boa vontade; nem como dominadores dos que vos foram confiados, antes tornando-vos modelos do rebanho.” (I Ped. 5:2 e 3).

Difícil? Não para o pastor que serve por amor; que dá de si, antes de pensar em si mesmo. Para quem tem paixão pelas almas, não existe maior glória do que ser um pastor. Sua recompensa maior não será o salário, nem mesmo o fato de ser amado pelo rebanho. A maior recompensa é aquela expressa por Pedro: “Ora, logo que o Supremo Pastor Se manifestar, receberéis a imarcescível coroa da glória.” (I Ped. 5:4). ✓

Coragem, pastor!

Quando estiveres fatigado e triste,
e meditares na terrível sorte,
não temas; pois Jesus é teu amigo.

Sê corajoso e forte!

Se te apanharem pelo mar da vida
a dor cruenta, o vendaval e a morte,
não desanimes; Cristo está contigo.

Sê corajoso e forte!

Se, no trajeto pelo mundo incauto,
vires perdida a orientação, o norte,
segue a Jesus e Ele será teu guia.

Sê corajoso e forte!



Se o dissabor que fere a humanidade,
no coração abrir-te fundo corte,
pede a Jesus, pois Ele dá o alívio.

Sê corajoso e forte!

Se forem tantas as dificuldades
que a tua força já não mais suporte,
roga ao Senhor que te mantenha firme.

Sê corajoso e forte!

Se vacilares pela vida escura,
e com teu mal o mundo nem se importe,
ora com fé; e te erguerás contente.

Sê corajoso e forte!



Autor desconhecido

Esperança para viver

Michelson Borges
Enviado especial

Seguindo o sucesso evangelístico dos programas “Atos 2000”, com o Pastor Mark Finley, e “Esperança 2000”, com o Pastor Henry Feyerabend, a União Central-Brasileira, UCB, realizou o seminário “Esperança para viver”, desta vez tendo como orador o evangelista José Mascarenhas Viana. Começando no dia 1º de junho, as 27 palestras culminaram com o batismo de 40 pessoas,

no dia 29 do mesmo mês. Ao todo, foram 170 batismos, só na igreja central paulistana, auditório utilizado para as gravações do programa.

“Só temos motivos para louvar a Deus”, disse o Pastor Edson Rosa, diretor de Ministério Pessoal e Escola Sabatina da UCB.

De Bacabal, MA, Celso da Silva avaliou o seminário como sendo “uma bênção em

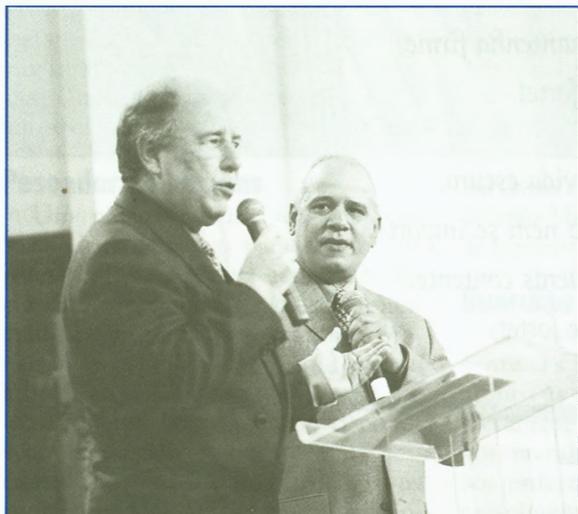


Pastor José Viana: “Devemos alcançar as pessoas sinceras das grandes cidades.”

todos os sentidos”. Segundo ele, a programação “revitalizou o fervor missionário, promoveu o crescimento espiritual e projetou uma imagem positiva das nossas instituições”. De fato, uma das preocupações dos organizadores do

Números da campanha

- 20.397 acessos ao site do programa, sendo mais de cinco mil do exterior.
- Mais de 400 igrejas envolvidas, só na capital paulista.
- Mais de duas mil antenas instaladas no território da UCB.
- 250 mil ouvintes da Rede Novo Tempo de Rádio acompanharam o seminário.
- 160 obreiros e pastores da Associação Paulistana estiveram envolvidos.
- 100 obreiros voluntários da igreja central paulistana trabalharam ativamente.
- Mais de mil pessoas cadastradas e que visitaram a igreja durante a campanha.
- 509 ligações telefônicas atendidas.
- 830 e-mails recebidos.
- 170 batismos na igreja central paulistana.
- 180 mil livros *Vida de Jesus* distribuídos aos interessados.
- 100 pessoas trabalhando na equipe técnica.



Pastores Edson Rosa e Acílio Alves: doutrinas e imagem positiva da Igreja Adventista



Auditório lotado durante 27 noites

projeto foi transmitir também uma imagem positiva da Igreja. Isso foi feito com a apresentação de seus departamentos e instituições. "Deixamos claro que a Igreja tem um serviço a prestar à comunidade, preocupando-se com o ser humano como um todo", afirmou o Pastor Acílio Alves, presidente da Associação Paulistana.

Outro diferencial deste programa evangelístico em relação aos anteriores foram as transmissões pelo canal Adsat. Desta vez os programas não foram ao ar ao vivo. As palestras eram gravadas e transmitidas via satélite dois dias depois. "Com isso diminuimos os custos, as dificuldades técnicas e o estresse de não poder cometer erros", justifica o Pastor Acílio. Com a economia no aspecto técnico, pôde-se aumentar a equipe de obreiros bíblicos.

De acordo com o Pastor Roberto Motta, evangelista da Associação Paulistana, o trabalho começou em fevereiro, com a realização de seminários, cursos para deixar de fumar, treinamento para pastores e obreiros bíblicos e classes bíblicas. Os inúmeros testemunhos dados por telefone, fax e endereço eletrônico deram uma amostra do êxito desse trabalho organizado. "Estamos gostando muito das palestras. Ainda não somos adventistas, mas queremos nos tornar. Sabemos que encontramos a igreja de Deus", testemunharam por fax Márcio e Cristiane Barbeiran, de Jacareí, SP.

Pastor de Deus

*Na jornada vacilante da vida,
és tu quem guias o trôpego e errante.
Ao que clama, atendes;
ao que suplica, conduzes;
ao que pranteia, consolas.*



*Por tuas mãos,
o aflito encontra a paz,
o desabrigado, o aprisco,
o que sofre, a cura.*

*Ao sedento tu conduzes à Fonte;
ao faminto dás o Pão;
ao que vive em trevas mostras a Luz;
ao perdido apontas o Caminho;
ao que bate abres a Porta.*

*Pelo Mestre és enviado,
e a Ele retornas
trazendo os molhos do teu santo labor:
Vidas transformadas,
Corações santificados.*

*Nos lábios e no coração,
tu tens as palavras do Pastor de Deus,
as quais naquele dia proferirás:*

*"Eis-me aqui com os filhos
que me deu o Senhor!"*

*23 de outubro!
Eis o dia dos teus dias;
o marco das tuas labutas;
a lembrança de tua sagrada missão.*

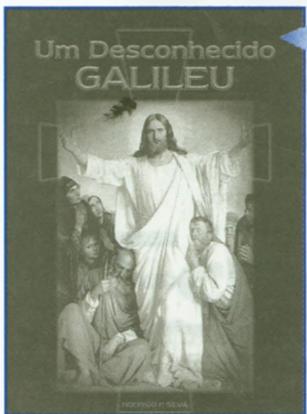
Deus seja louvado por teu ministério!

Zirinaldo Fagundes Rocha,
secretário ministerial da Associação Espírito-Santense



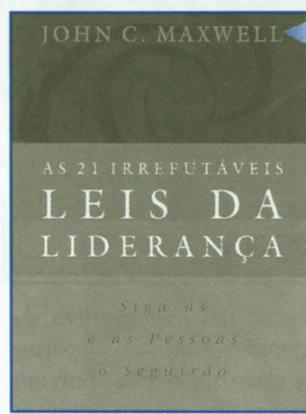
HUMOR





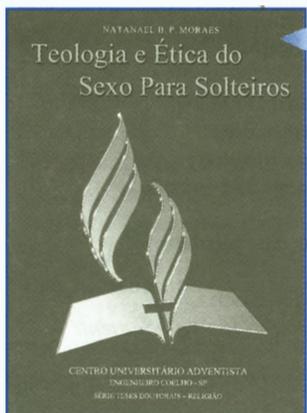
UM DESCONHECIDO GALILEU – Rodrigo P. Silva, *Imprensa Universitária Adventista*, Caixa Postal 11, CEP 13165-970 Engenheiro Coelho, SP; tel. (19) 3858-9055; 168 páginas.

Este livro é direcionado tanto a leigos quanto a especialistas em teologia e arqueologia. Trata-se de um excelente trabalho de pesquisa, sendo que suas fontes são substanciais e dignas de crédito. O autor faz um exame cuidadoso e minucioso sobre uma variedade de fontes primárias e secundárias que lidam direta ou indiretamente com a vida e os ensinamentos de Jesus, conduzindo o leitor a uma reflexão que combata o liberalismo pós-moderno de algumas cristologias.



AS 21 IRREFUTÁVEIS LEIS DA LIDERANÇA – John C. Maxwell, Editora *Mundo Cristão*, Caixa Postal 21.257, CEP 04602-970 São Paulo, SP; tel. 0800-115074; 243 páginas.

O autor demonstra como essas leis são irrefutáveis. Ele faz a ponte entre as teorias de liderança e sua aplicação no mundo real. Mediante exemplos extraídos da própria experiência do autor como líder, o leitor poderá pôr em prática a autêntica liderança, partilhando frutos e beneficiando-se (e a seus liderados) com os resultados obtidos.



TEOLOGIA E ÉTICA DO SEXO PARA SOLTEIROS – Natanael B. P. Moraes, *Imprensa Universitária Adventista*

Caixa Postal 11, CEP 13165-970 Engenheiro Coelho, SP; tel. (19) 3858-9055; 258 páginas.

O livro é a tese doutoral defendida pelo autor, em maio de 2000, no Seminário Adventista Latino-americano de Teologia, Engenheiro Coelho, SP. Ele procura estabelecer os parâmetros da sexualidade humana segundo o plano divino; aborda a trajetória histórica do pensamento filosófico a respeito, a qual culmina com os conceitos liberais de nossos dias; dá um grito de alerta quanto às pressões desses conceitos sobre a juventude, concitando pais, pastores e educadores a encararem o fenômeno com seriedade e interesse. Finalmente sugere uma estratégia de orientação juvenil sobre o assunto.

VEJA NA INTERNET – As efemérides (acontecimentos históricos relacionados com determinado dia ou época) podem fornecer boas histórias para ilustrar sermões ou palestras. Esse “gancho histórico” tem se revelado um bom recurso em muitas ocasiões. A página “This Day in History” faz parte de um site dedicado aos fatos históricos, o qual é mantido e atualizado pela rede americana de televisão A & E. Rica em informações, essa página apresenta as efemérides classificadas em categorias como: Literárias, Tecnológicas, Financeiras, Crimes, Entretenimentos, Segunda Guerra Mundial, e outras mais relacionadas com os Estados Unidos como: Guerra Civil, Velho Oeste, Guerra do Vietnã, etc. Portanto, quando quiser descobrir referências históricas ligadas a uma data, entre em www.historychannel.com/tdih – Márcio Dias Guarda, editor de mídia digital da Casa Publicadora Brasileira.





JONAS ARRAIS

*Secretário ministerial associado
da Divisão Sul-Americana*

Acada ano, um crescente número de pastores deixa o ministério sem que as razões para isso sejam morais. Quando indagados sobre quais seriam os motivos para tal atitude, conclui-se que são muitos. Desânimo, problemas financeiros e conflito pessoal parecem ser as maiores causas. Embora a maioria deles tenha a convicção de que Deus um dia os chamou para serem pastores, simplesmente resolvem deixar o trabalho e seguir outro caminho. A tendência, muitas vezes, é criticá-los por tal atitude; mas, se os nossos pés estivessem nos sapatos deles, se pudéssemos entender como eles pensam, e sentir o que eles estão sentindo, não seríamos tão críticos.

Poderia Deus chamar alguém para realizar uma tarefa e a pessoa escolhida não se sentir preparada para cumpri-la? Alguns dizem: “Eu sei que Deus me chamou, mas não suporto a pressão ministerial. Por isso estou deixando tudo.” Isso não acontece somente com pastores, mas também com membros da igreja que trabalham pela sua congregação local. Muitas vezes, dizem: “Quero descansar, não aceito mais ser indicado para nenhuma função na igreja.” Não parece contraditório ver Deus chamando pessoas para realizar um trabalho e vê-las como que dizendo: “estou cansado de servir a Deus”?

Recentemente li a história de um

missionário que trabalhou na China até os 73 anos. Longe de sua terra natal e de sua família, enfrentou muitas provações. Quando lhe perguntaram como agüentou tanto tempo, a resposta foi: “Não trabalhei todos estes anos com a minha força, mas com a força do Senhor. Se eu tivesse trabalhado com a minha própria força, com certeza teria deixado a China há muitos anos.” Essa seria uma resposta simples, mas não é. Aquele missionário morreu com 101 anos, deixando um exemplo de alguém que aprendeu o segredo do que significa andar, viver e trabalhar na força do Senhor.

O apóstolo Paulo, falando de sua experiência ministerial, comenta: “Digo isto, não por causa da pobreza, porque aprendi a viver contente em toda e qualquer situação. Tanto sei estar humilhado com também ser honrado; de tudo e em todas as circunstâncias, já tenho experiência, tanto de fartura como de fome; assim de abundância como de escassez; tudo posso nAquele que me fortalece. E o meu Deus, segundo a Sua riqueza em glória, há de suprir, em Cristo Jesus, cada uma das vossas necessidades.” (Fil. 4:12, 13 e 19). Nesses versos, encontramos três belas lições de vida:

- Precisamos aprender a viver contentes em todas as circunstâncias.
- Podemos encontrar forças no Senhor.
- Podemos saber que Cristo supre todas as nossas necessidades.

Esses fatos nos indicam que podemos fazer todas as coisas na força do Senhor. Paulo não está dizendo que ele pode tudo, mas que pode tudo através de Cristo. Ele reconhecia que a sua for-

Na força do Senhor

ça vinha do seu relacionamento com Cristo. “Posso tudo nAquele que me fortalece”, ele diz. Qual é o limite desse poder? Cristo não pede que eu faça tudo. Algumas vezes, pastores assumem responsabilidades maiores do que podem suportar. O resultado é preocupação e estresse.

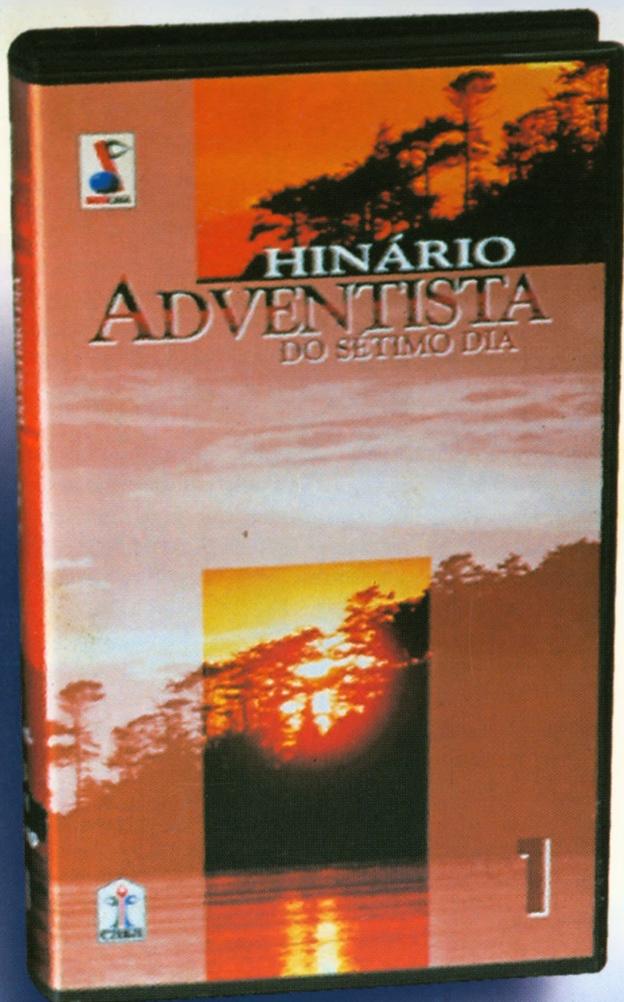
Na segunda carta aos coríntios (11:23-27), Paulo compartilha as experiências difíceis que viveu em seu ministério. Certamente, nenhum de nós suportaria tudo o que ele suportou. Quantas chibatadas você suportaria antes de dizer: “estou deixando o ministério”? Ao ler essa epístola, você poderá aprender muito com Paulo. Ele teve uma vida ministerial das mais difíceis que um pastor pode ter. Sempre que você estiver desanimado, frente aos problemas e desafios ministeriais, leia a mensagem do apóstolo nessa carta. Sem dúvida, isso o ensinará a andar, viver e servir a Deus, não com a sua força, mas com a força que vem dEle.

Quando aceitamos a Cristo Jesus como Salvador e dissemos “sim” ao Seu chamado, Deus assumiu a responsabilidade de nos capacitar para o trabalho. Não existe nada errado em você dizer: “Eu sou fraco”, se for sábio em afirmar: “Senhor, em Ti eu sou forte.” Como obreiros do Senhor, temos de aprender a trabalhar sob Seu poder e direção. Podemos trabalhar arduamente, mas precisamos também separar tempo para buscar o poder do alto. Se for essa a nossa atitude, certamente realizaremos com eficiência e alegria o que Deus espera de nós.

Parabéns, por você ser um pastor. Parabéns, pelo Dia do Pastor. ✓

VÍDEOS

do Hinário Adventista



Você vai deleitar-se com este vídeo ricamente ilustrado com imagens da natureza e com as letras dos hinos apresentadas na forma de legendas. Ele poderá ser utilizado nos momentos de culto em família, nas reuniões e programas de jovens e em outras atividades da igreja. A série completa constará de 15 vídeos com 300 hinos. O primeiro vídeo já está disponível. Tem duração total de 60 minutos e contém 20 hinos selecionados dos CDs 1 e 2 do Hinário Adventista. Eis alguns deles:

- Ó Deus de Amor
- Sejas Louvado
- Jubilosos Te Adoramos
- Santo! Santo! Santo!
- Tu És Fiel, Senhor
- ...e muitos outros.

Adquira já para sua igreja e para você mesmo!

Você pode fazer seu pedido ligando grátis 0800-990606 ou entrando em contato com o SELS de seu Campo.

**CASA
PUBLICADORA
BRASILEIRA**



Caixa Postal 34 – CEP 18270-970 – Tatuí, SP
Tel.: (15) 250-8800 – Site: www.cpb.com.br